Leitura da Gramática

(Mais atualizada para os não-iniciados)[1]

Cap.I: Das Letras e sua Pronúncia (p. 1-2; 4-6)

Consoantes

Nesta língua do Brasil não há: *f*, *h*, [2] 1, s (com valor de *z*), rr (r dobrado), nem *z*, nem *υ*.[3] Em lugar de ç., [4] *c* usa-se um só *s* com valor de *ss*, como: *a-só* (*assó*) eu vou, *s-atã* (*satã*) ele é forte.

Em vez de c,. *q* emprega-se *k*, como: *ukára* fazer, *iké* entrar.

O g é sempre gutural, duro: *Mo-ingé* (*moinghé)* fazer entrar.

O *j* vale *i* semivogal, isto é, faz uma só sílaba ou som com a vogal posterior, como *jandé* (*iandé*) nós, *je-ausúba* (*iê-ausúba)* amar-se.

O r é sempre brando, nunca vale *rr*: *roý* frio.

O *ñ* tirado do espanhol é o *nh* português; *ñeénga* (*nheénga*) falar, palavra. O *x* soa como nosso *ch*: *xe-pó* minha mão, *i-xupé* sobre ele, para ele.

Não há consoante continuada com outra na mesma dicção, exceto *mb, nd, ng,* como: *a-i-mo-mbor* eu o faço saltar, *a-i-mo-ndó:* eu o faço sair.

Acrescentando-se alguma partícula depois da última (p.1v) consoante em que acaba o verbo, o que se faz no futuro com *ne*; no condicional com *mo, meĩmo, meémo, témo*; na interrogativa com *pe* (?); com a preposição *pe* (em): assim acrescentadas essas partículas, interpõe-se

---

1. Há pequenos acréscimos, mudanças, omissões e transladações que anotamos.
2. O *h* é como se não existisse, pois só quase aparece em *ahe*, aspirado como em inglês.
3. Diz Anch. que não se acha o *υ* consoante, conforme à melhor pronunciação, salvo nos que mudam o *b* em *υ*, como os galegos, e em vez de *abá* homem, dizem *avá*" (p. 4v).
4. Anch. chama ç *com zeura* ao ç com cedilha.

um *y* e com a delicadeza com que o pronunciam, vem-se a escrever geralmente *i*, às vezes *u* e *e*; exemplos: *a-páb-i-ne* eu me acabarei, *a-sém-i-ne* eu sairei,*a-iúr-i-ne*, eu virei; *a-páb-i-mo* eu me acabaria... *ere-iur-i-pe?* vieste?; *ók-i-pe, ók-u-pe* em casa; *áng-e-me* intimamente (*ánga* íntimo, alma);*ybák-y-pe* no céu, ao céu.[5] (p.2v).

Nota: há alguma diferença na pronunciação, e o uso das diversas partes do Brasil será o melhor mestre. Porque desde os Pitiguares do Paraíba do Norte até os Tamoios do Rio de Janeiro pronunciam inteiros os verbos acabados em consoantes, como: *A-páb* eu me acabo, *a-sém* eu saio, *á-pén* eu me quebro, *a-iúr* eu venho. Mas os Tupis de S.Vicente, que são além do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo, como: *apá* em vez de *apáb*, *asê* em vez de *asém*, *apẽ* em vez de *apén*, *aiú* em vez de aiúr. Por isso, acrescentando as sobreditas partículas, pronunciam:*apáne, apẽne, asẽne, aiúne, apámo, asetemo, apámeĩmo*... pronunciando nos nasais o til somente. [6]

Nas consoantes *g* e *k* comumente todos pronunciam de uma mesma maneira, interpondo *i*, como:*a-s-epiák-i-ne* eu o verei, a-i-meéng-i-ne eu o darei, e assim nos demais, como acima. Porém com as partículas *mo,temo, meĩmo etc* mais parece que se (p.2) sofre o encontro das consoantes, principalmente com o *g* e *k*, como: *a-s-epiák-temo* eu o veria, se eu o visse;*a-i-meéng-meĩmo* eu o teria dado, se eu o tivesse dado.

Mas o uso mais universal, principalmente em verbos compostos com outros verbos ou advérbios etc. é tirar a última consoante do primeiro verbo; assim os dois verbos *epiáka* ver, *potára* querer, compõem-se deste modo: *a-s-epiá-potár* eu o quero ver; *meénga* dar, *kuába* saber, compostos dão: *a-i-meén-kuáb* eu o sei dar (p.2).

Vogais

São as mesmas do português, exceto o *Y* que tem som especial, e ainda que se encontre escrito *y, i, u, e* é o mesmo, pela dificuldade que há na pronunciação dele, máxime nos que não são índios por natureza, como se vê nos exemplos acima:*a-páb-i-ne, ók-u-pe, áng-e-me, ybák-y-pe*... (p.2). Faz muito diferente significação *i* e *y*: *a-jo-pí* eu o pico, de picar de uma vespa; *a-jo-py* eu o toco, de tanger de trombeta ou flauta (p.6 v)[7].

---

5. Separamos por h*ifens* (-) os componentes da palavra, para que os iniciantes se acostumem à língua aglutinante que é o tupi, recurso apenas gramatical.
6. É bom notar como Anch. tem em consideração formas dialetais do tupi do Brasil: o de S. Vicente se assemelhava mais ao guarani do Paraguai. É a razão de muitas outras sutilezas.
7. Anch. lhe chama *i áspero*, pela dificuldade de se pronunciar: é um *i* alto, central, não arredondado, portanto entre *i* e *u*: nos manuscritos se escreve às vezes *ig* e *i* com um ponto por baixo, como *tigba, ajíba* em vez de *tyba* multidão, *aiyba* queixo.

As vogais, todas elas, podem ter til, o qual não é *m* nem n, ainda que na pronunciação se diferenciam pouco, como: *tĩ* envergonhar-se, *a-i-nupã* *eu* o açoito, *ruã* não, *ẽ* vazar...

Há três semivogais: [8] *i, u, y* que podem formar ditongos e tritongos, como:

ái, éi, íi, áu, éu, íu, uá, ué, iá, ié, yá, yé...

áia, éia, íia, óia, úia, yia, áua, éua...

Uá, ué sempre são monossílabos ou contratos, se são simples, precendendo consoante, como: *kuára*, sol, cova; *puéra* o que foi: são dissílabos. Nos pretéritos também se escreve *ué* composto, como:*ók-uéra* a que foi casa, *tym-buéra* o que foi plantado (p.4).

Os verbos acabados em *u* têm *uá* contrato nos gerúndios e verbais, *ábo, ára, ába,* como:*a-mopú* eu toco, *mopuábo, mopuára, mopuába* tocando, tocador, toque (todos trissílabos); *a-u* eu como, *uábo, uára, uába* comendo, comedor, comida (dissílabos). Nota que estes acabados em *u* precedendo vogal, se interpõe *g* e é melhor pronunciação e mais fácil, como: guábo, guára, guába. Outro exemplo: *a-i-mombeú* eu o declaro, *mombeguábo, mombeguára, mombeguába* declarando, o que declara, declaração. E assim os que têm *gua*, não somente nestes gerúndios e verbais, mas também noutros vocábulos são contratos e se hão de pronunciar como em nossa língua *água*; assim, *jaguára* onça, cachorro (trissílabo) (p.4v).

Onde quer que se achar *i* ou *j* antes de outro *i*, sempre é vogal, que é o relativo *este, esta, isto*, sobre o qual se dirá abaixo, e o seguinte *i* também será vogal, se lhe seguir consoante, como: *i-íra* ele desprendendo-se; seguindo-se vogal, o seguinte *i* será semivogal, como: *i-ára* dito, *i-jára* o dito dele; e geralmente qualquer vogal se seguir o *i* em qualquer dicção, sempre é o *i* vogal sendo relativo, como *i-á* a fruta dele, *i-é* o dizer dele, *i-ó* tapar isso, *i-ú* comer isso (p.5v).

Seguindo-se *a, o, u*, não sendo relativo, sempre é consoante (semivogal): *jára* senhor, *jaguá* chaga (dissílabos); *jú* espinho (monossílabo). Pronunciam-se como semivogal, como em castelhano *ya, ye*, como: *je-sóka* socar-se. Desse se dirá abaixo que se usa às vezes por *ñ* com todas as vogais, e ainda que *ja* no afirmativo tenha *j* semivogal, *ja-manó* nós

8. Acrescentamos ao texto de Anch. a enumeração das semivogais, de que ele trata entre os metaplasmos, com menor clareza, cremos: tratando das consoantes logo no princípio, parece melhor apresentar logo as vogais, como uma segunda parte de capítulo I e com as vogais as semivogais. Isso tudo em sua gramática vêm em parte nas páginas 4v, 5v e 6. Notar também que a introdução na ortografia das letras *K* e *G* gutural dispensam muitas regras que ele dá sobre a pronúncia de *gue,gui guy*; *que, qui, quy*. O mesmo se diga da distinção clara do *y*, *i* e *j*; nisso simplificam-se as regras que ele traz na página 6v. Com isto nos afastamos um pouco do texto anchietano em favor dos não iniciados de sua gramática.

morremos, no negativo, precedendo *nd* faz *nd-ia-manó-i* nós não morremos. Mas nisto vai pouco, porque cada um o pronuncia mais português *ja* ou castelhano *ya*; mas finalmente mais universal pronúncia é a do *i* do que a do *ñ*, segundo as letras que se seguem, como: a-manó eu morro, *ña-manó* nós morremos ou *ja-manó*; *a-só* eu vou, melhor se diz *ja-só* nós vamos etc. (pp.5v-6).

Oá, oé não são contratos, mas dissílabos, como: *Koéma* manhã, *moéma* mentira, são trissílabos e outros que houver. *O,* quando é prefixo do verbo ou recíproco, claro está que faz sílaba por si só, como *o-ár* ele nasce, *o-ára* o que nasce (p.4-4v).

Uá, ué, em algumas palavras são dissílabos, como *apuã* ponta, *akué* esse, aquele; *unguá* almofariz (trissílabos). Também alguns que se pronunciam dissílabos é porque se muda *K* em *ng*, como abaixo se verá, e assim como tendo *k* são dissílabos, assim também com *ng*, como: *mikuába* se muda em *minguába* conhecido (quadrissílabo).

Comumente os nomes começados por *i* vogal, quando se lhe prepõe o relativo, metem outro *i* semivogal, por causa do encontro dos dois *i*, como: *itá* pedra, *i-j-itá* pedra dele; *ypy* princípio, *i-jypy* princípio dele. O mesmo fazem alguns no fim da dicção, compondo-se com outro *i*, como: *kamurý* robalo, *ý* rio; composto faz *kamurý-jy* rio do robalo (p.6).

Este nome *irũ* companheiro, o mesmo *i*, que tem, lhe serve de relativo e nunca o perde: *xe irũ* companheiro de mim, meu companheiro; *o-irũ* seu companheiro etc. O mesmo guarda o verbo *a-irumõ*, eu acrescento, pois é composto dele.

Também alguns verbos se hão de escrever dois *ii*, um semivogal, outro vogal, depois do prefixo verbal, como: *a-j-yky* eu o colho, *a-j-ybõ* eu o flecho. Porque, tendo objeto direto expresso ou o recíproco e outras partes, como mais largamente abaixo diremos, perdem o primeiro *i*, como: *pirá ybõmo*, peixe flechando; e se se escrevera com *j* houvera de dizer *pirá-j-ybõmo* (seriam dois objetos diretos).

Yá comumente é dissílabo, como: *pyá* fígado, *a-byár* eu sou manso (trissílabo).

Exceções: *apyába* varão, *kapyába* herdade (trissílabos): *ibyá* eles (dissílabo) e outros que houver. Igualmente todos os gerúndios e verbais em *ára, ába, ábo*, como: *a-i-abý* eu o erro, gerúndio *abyábo*, errando, verbais *abyára* o que erra, *abyába* o erro (trissílabos).

lá, iú comumente são contratos e monossílabos, como:*a-robiar* eu creio (trissílabo), *embi-ú* comida (dissílabo). Alguns nomes se excetuam, que o uso ensinará, como: *piá* filho (dissíl.) *potiá* peito, *jundiá* bagre, *s-upiá* ovo (trissílabos); *piũ* mosquito (dissíl.), *jatiũ* pernilongo (trissíl.) e outros que houver (p.6v).

Y, que em muitos vocábulos se pronuncia áspero com a garganta, compondo-se com outra dicção começada em vogal, para evitar o hiato, exprime-se com *g*, como: *y* rio, *atã* direito; composto faz *ygatã* rio direito (p.6).

Cap.II dos Metaplasmos e sua Pronúncia [1] (p.2-4)

P, M, MB muitas vezes se usam uma por outra, desta maneira (p.2v): as dicções principiadas por *p*, tomadas em sentido indeterminado, se pronunciam com *m* ou *mb*, como *mó* ou *mbó* mão. Se precede o determinativo ou complemento de posse, muda-se em *p*, como: *Pedro pó*, mão de Pedro, *xe pó* mão (de mim) minha mão. Excetua-se *mbaé* coisa, que nunca se muda, como *xe mbaé* minha coisa, *Pedro mbaé* coisa de Pedro.

Da mesma maneira o *p* do meio da dicção muda-se em ***mb***, se o pomos em sentido indeterminado no princípio da palavra; assim, *a-páb* eu me acabo, torna-se *mbába* acabamento, em vez de *pába* etc.

Conforme a isto, nunca se pronuncia *b* no princípio da dicção sem *m*; sempre se lhe há de antepôr, como em vez de *baé* diz-se *mbaé*, porque não é sofrível, precedendo o determinativo ou complemento de posse, pronunciar-se sem *m*; portanto, não *xe baé*, mas *xe mbaé*: ou se há de pronunciar m somente, como *maẽ* olhar, *moby* ou *mboby* algumas vezes, *murú* ou *mburú* maldito etc.

No meio da dicção também se põe *b* depois de *m*, e é mais comum pronunciação, como nos verbais: *timára,timába*, que se tornam timbára, timbála, plantador, plantação...

Nos verbos compostos com *e* no fim, como: *a-sém-e* ou *a-se-mbe* quando eu sair...

Em nomes compostos, nos quais se tira a última vogal do primeiro, como: *ñauúma* barro, composto com *óka* casa, faz *ñauúmóka, ñauúmbóka* casa de barro.

Nos pretéritos ou passados, que se fazem com a partícula *puéra*, dá-se a mesma mudança: *t-etáma* região, *t-etám-buéra* a que foi região, antiga região; em vez de *tetámuéra*. [2]

D no princípio da dicção nunca se pronuncia sem *n* atrás, ou, *n* somente, tirado o *d*, como: *nde* ou *ne* tu;(p.3) *nd-a-só-i* ou *n-a-só-i* eu não vou, ixé nd-a-só-i ou ixé n-a-só-i, eu, eu não vou (e não se diga: *dasói*).

---

1. O título deste capítulo em Anch. é "Da Orthographia e sua pronunciação" querendo significar as alteraçõe s e mudanças de letras e sons na composição das palavras.
2. Sobre este *t* inicial de algumas palavras se falará depois.

No meio da dicção mete-se *d* depois de *n* e é mais comum pronunciação: - nos verbais, como *pinára*, *pindára*, raspador; *pindába* raspagem; - nos pretéritos, como: *ména* marido, *menduéra* o antigo marido, o que foi marido; - nos verbos, quando compostos com *e* final, como: *a-ñán* eu corro, *a-ñán-e*, *a-ñán-de* quando eu corro.

Em nomes compostos pode-se interpor ou não; o uso o ensinará, como: *a-mán* eu enfeixo, *ybá* frutas; no composto faz *a-mán-ybá*, *amándybá* eu ajunto frutas.

Se o seguinte nome é dos começados por *t*, dos que se mudam em *r* [2], o mais comum é pôr-lhe *d*, como: *ména* marido, *t-úba* pai, no composto faz *mendúba*, sogro, pai do marido.

B, P, no meio ou no fim da dicção, quase sempre se muda *m* ou *mb*, quando precede na última sílaba til ou *m* ou *n*, ainda que esteja o *n* no fim da penúltima, como: *anga* alma, *pe* em; composto faz *áng-i-me* na alma, no íntimo.

Nos gerúndios dos verbos que têm nasal mudam o *bo* em *mo*, como: *a-i-nupã* eu o açoito, *nupãmo* açoitando; *.a-irumõ* eu o aumento, *irumõmo* aumentando; *a-manó* eu morro, *manómo* morrendo.

Todos estes, pela regra geral, terminariam em *bo*.

Nos verbais ou particípios, como: *i-nupã-byra* o açoitado, *irumõ-byra* o aumentado, *i-mo-manõ-byra* o matado; todos fariam, pela regra geral, *pyra*, partícula do particípio passivo.

Nos verbais que perdem o *s* ou *sa* de *sába* após nasal: *nupãsába* faz *nupãma* flagelação, ação de açoitar; *t-ekotebẽ-sába* faz *t-ekotebẽ-ma* aflição, *apytí-sába* faz *apytí-áma*, amarração, ação de atar; *s-arõ-sába* faz *s-arõ-ama*, proteção, ação de guardar; *mo-paũ-sába* faz *mopaũ-áma* interrupção: é o *ma* em vez de *ba* de *sába*.

Nos pretéritos, como: *tĩ* envergonhar-se, *tĩ-buéra* o que se envergonhou; *t-eõ* morrer, *t-eõ-buéra* o que morreu; *ñũ* campo, *ñũ-buéra*, o que foi campo.

Com a preposição *pe* em, como: *ti* nariz, *ti-me* no nariz; *amána* chuva, *amá-me* na chuva; (p.3v) *paranã* mar, *paranã-me*; no mar; *ánga* alma, *áng-i-me* na alma; *mána* feixe, *mán-i-me* no feixe: *me* em vez de *pe*.

Nos compostos, como: *paranã* mar, composto com *póra* cheio, faz *paranãbóra* cheio de mar; *o-manó* eles morrem, composto com *pá* faz *omanómbá* eles morrem todos: *bá* em lugar de *pá*, e assim dos mais.

R muda-se em *n* onde preceder til, *m* ou *n* na última sílaba, como no futuro do subjuntivo: *nupã* açoitar, *nupã-neme* quando açoitar; *irumõ* aumentar, *irumõ-neme* quando aumentar; e assim dos outros como acima.

Nos particípios em *sára* no presente, quando perdem o *s*, como: *s-arõ-sára* faz *s-arõ-ána* o guardador, *irumõ-sára* faz *irumõ-ána* o aumentador etc.

No futuro, que acrescenta a partícula *áma*, podem ter *r* ou *n*: *s-arõ-án-áma* ou *s-arõ-ár-áma* o que há de ser guardador etc.

Nos formados com a preposição *ramo* ou no futuro *rama*, como: *ti* envergonhar-se, *tĩ-namo* como envergonhado, *tĩ-náma* o que se envergonhará; em vez de *tĩ-ramo*, tĩ-ráma.

Nos futuros dos verbais que têm o passivo *mi*, como: *mi-nupã* ser açoitado, *mi-nupã-náma* ou *mi-nupã-ráma* o que há de ser açoitado. Estes, o uso os ensina; porque também algumas vezes o *r* serve por *n*, como: *ybá-réma*, fruta podre, *s-apó-réma* raiz podre: *réma* em vez de *néma* podre.

E nos verbos compostos, *ro* e *no* são o mesmo, como: *a-sém* eu saio, *a-no-sém* ou *a-ro-sém* eu faço sair (comigo).

S, onde não se muda em *r* nem em *x*, transforma-se muitas vezes em *nd*, precedendo *m* na última sílaba, o que se faz comumente nos verbos neutros feitos ativos com a partícula *mo*, como: *a-só* eu vou, *a-mo-ndó* eu faço ir (em vez de *a-mo-só*); *o-sók* ele se quebra, *o-mondók* ele quebra (em vez de *o-mosók*).

Se o verbo é reduplicado, não se muda mais que o imediato (p.4) ao *mo*, como: *o-só-sók* ele se quebra muito ou muitas vezes, *o-mo-ndó-sók* (em vez de o-mo-ndó-ndók) ele quebra muito...

K e T, também depois de *mo*, se mudam K em *ng*, como *a-ikó* eu estou, *a-i-mo-ingó* eu faço estar... (pp.40 e 48); *T* em *nd*, como *a-túi* eu transbordo, *a-mo-ndúi* eu faço transbordar; *T* nos verbais precedidos de nasal, como *s-enõi-ndára* o que chama, *s-enõi-ndába* a chamada (p.4).

Cap. III: Do Acento (p.7-8)

Acento nos vocábulos simples

Todas as dicções acabadas nas quatro últimas vogais *i, o, u, y* têm o acento na última e notam-se com o acento agudo ou com til, se são nasais.[1]

Algumas acabadas em *e*, que parecem ter o acento na penúltima, é por serem compostas, como *ikatúpe* nu (de *i-katú-pe*), *ñóte* só (*ñó-te*); *o-eté-pe* em seu corpo.

---

1. Já não se usam os acentos circunflexo e o grave de que fala Anch.

As acabadas em *a*, algumas têm o acento agudo na última, como *tatá* fogo; outras na penúltima, como *óka* casa.

Os monossílabos, se são pronomes pessoais ou prefixos verbais ou sufixos enclíticos [2], não se acentuam, como acima *o-eté-pe*; os outros melhor se acentuam com o agudo ou til, como *ñó* só, *ñũ* campo etc.

Os verbos, pela maior parte, têm o acento na última, em qualquer consoante ou vogal que acabem, como *ajuká* eu mato, *amondéb* eu meto etc.

Os mais acabados em *i*, precedendo vogal, têm o acento na penúltima ou se hão de chamar contratos ou ditongos, como *akái* eu ardo, *ajuséi* eu desejo comer, beber.

Alguns poucos há acabados em *u*, precedendo vogal, com acento na penúltima, como estes passados (contratos ou ditongos), comumente, derivam de outras dicções, como *a-i-mo-ngaráu* eu o desconjunto, *xe éu* eu arroto...

Acento em vocábulos com acréscimo final.

Acréscimos há não somente nos verbos, mas também noutras partes da oração, porque todas podem conjugar-se como verbos (p.7v).

Quer as dicções tenham o acento na penúltima, quer na última, se não crescem mais que uma só sílaba ou se crescem duas com a penúltima breve, se notam com o acento agudo, como *óka* casa, *ókamo* como casa; *tatá* fogo, *tatáne* será fogo, *tatáreme* quando for fogo, se for fogo; *a-i-mondó* eu o mando, *mondóreme* quando mandar, se mandar.

Se crescem mais de uma sílaba, com a penúltima acentuada, claro está que nela se há de pôr o acento agudo, como *tatá* fogo, *tataráma* o que será fogo; *tatarambuéra* o que havia de ser fogo; *óka* casa, *okuéra* a que foi casa, *okuáma* a que será casa.

No acréscimo dos tempos até o futuro do condicional exclusive, pode ficar o verbo com seu acento natural que tem no presente do indicativo: *a-i-mondó-ne* eu o mandarei (futuro), *e-i-mondó-umé* não o mandes tu (imperativo negativo), *a-i-mondó-temo-mã* oxalá eu o mande (subjuntivo de desejo), *t-a-i-mondó-umé* que eu o não mande (subjuntivo negativo),

---

2. São numerosos os prefixos e sufixos em tupi. Os prefixos que se unem ao vocábulo sem acento são os seguintes: *mo, ro ou no, por(o) ou po ou mo* ou *mbor(o), te* ou *t, se* ou *s, a, gũi, ere, e, oro, ja* ou *ña, pe, opo, i, ij, j, iñ, ñ, s, t, ia, jo* ou *ño, jos* ou *ños, o, ogu, og, gu, g, gũe, je* ou *ñe, mi* ou *mbi, re* ou *r, nda, nd, na, n, ta, t.*
Os sufixos enclíticos ou átonos são os seguintes: *ma, ba, bae, ne, a, i, u* ou *i, pe, be, me, bo, i, pe?, reme* ou *neme* ou *eme* ou *e, bo* ou *mo, no, te, ramo* ou *namo* ou *amo* ou *mo.* As funções de prefixos e sufixos se explicarão depois.

a-i-mondó-mo, a-i-mondó-momo, a-i-mondó-monemo, a-i-mondó-meémo eu o mandaria, se eu o mandasse (imperfeito do subjuntivo ou condicional).

Quando os que têm acento na penúltima perdem a última letra, notam-se com o mesmo acento agudo, como *tekoára* morador, *tekoár* ó morador; *xe-rúba* meu pai, *xe-rúb* ó meu pai.

Acento nos compostos

Nas composições, que são muitas, pode conservar-se o acento de cada elemento, como: de verbos com verbos, *a-só* eu vou, *a-i-potár* eu o quero; composto faz *a-só-potár* eu ir quero; e nos acréscimos não se varia mais que o último, como *asópotáne* eu quererei ir, *asópotámo* eu quereria ir, se eu quisesse ir.

Nomes com nomes como *abá* homem, *katú* bom: *abákatú*. Os que têm acento na penúltima perdem a última vogal ou sílaba: *óka* casa, *ókatú* casa boa, *óketé* casa verdadeira (p.(9) 8).[6]

Nomes com verbos seguem as mesmas regras: *tesá* olho, *a-i-kutúk* eu o furo, *a-tesá-kutúk* eu furo o olho; *píra* pele, composto *a-i-pí-kutúk* eu furo a pele dele.

Hoje já não se usa o acento grave na última vogal dalgum acréscimo, mas atrás há de ficar o acento natural que tinha: *a-só* eu vou, *só-reme* quando for, se for; exceto se o acréscimo já tem seu acento próprio: *sóreme-ñé* quando for, sem mais. Às vezes se põem dois monossílabos: *sóreme-ñé-pe* quando eu for, sem mais?

Isto das letras, ortografia, pronunciação e acento servirá para saberem pronunciar o que acharem escrito os que começam aprender: mas como a língua do Brasil não está em escrito[4], se não no contînuo uso do falar, o mesmo uso e viva voz ensinará melhor as muitas variedades que têm, porque no escrever e acentuar cada um fará como melhor lhe parecer.

As mudanças das letras ou metaplasmos, que ficam atrás, servirão para não se repetir ao diante uma coisa a cada regra, porque a estas hão de recorrer, posto que sempre há algumas exceções que o uso ensinará. [5]

---

4. Entretanto já havia alguma coisa escrita, diversas composições de Anch. principalmente a Instrução in *extremis* e a de *Catecúmenos*.
5. Quer dizer que haverá referências ao que já foi dito, sem precisar repetir regras anteriores. Como a língua tupi era então falada por todos, a toda hora se lembra o uso, que era o grande mestre para as exceções, que nem sempre pode abranger uma gramática.
6. Na paginação da gramática há um erro de imprensa: esta é a pagina (8-8v) ou folha 8 e não 9.

Cap IV dos Nomes (p. 8-10 v; p. 54 v e 33 v.)

Nomes simples

Os nomes não têm números nem flexões distintas, salvo o caso de chamar, com esta diferença, a saber: os que têm acento na última nada mudam, como *abá*, homem, ó homem; os que têm acento na penúltima (p.8v) perdem a última vogal, como *túba* pai, *túb* ó pai; *xe rúba* meu pai, *xe-rúb* ou *rúp* ó meu pai; *xe raýra* meu filho, *xe raýr* ou *raýt* ó meu filho. Neste caso pode trocar-se o *b* em *p* e o *r* em *t*; e isto também nos verbos, como *a-iúr*, *a-iút* eu venho; mas se vem acréscimo, não se faz caso do *t*, senão do *r* (p.8v).

Este nome *guá* ou *ibyá* ou *ibá* serve de sujeito indeterminado no plural das terceiras pessoas, para que não fique a oração sem sujeito, como quando dizemos: dizem, vão, irão etc. que no português se diz bem; cá acrescentam-lhe este sujeito, como *eí guá*, dizem, *osó guá* vão, *osó guáne* irão; e assim *ibyá* e *ibá*.

O plural se entende pelo contexto ou também acrescentando-lhe alguns nomes que significam multidão, como: todos, tantos, quantos, muitos etc. E este último é usado para isto, que é *s-etá*, e sem prefixo é *etá*, como *abá* homem ou homens, *abáetá* homens; *óka* casa, *óketá* casas.

Nomes Compostos

Os nomes substantivos se compõem com adjetivos, precendendo sempre os substantivos, e estes, se têm acento na última, ficam inteiros, como *mbaé-katú* coisa boa, *mbaé-aíba* coisa má; *ñũ-gatú* campo bom, *ñũ-aíba* campo ruim.

Se têm acento na penúltima e encontram com vogal, perdem a última vogal, como *túba eté* faz *túbeté* pai verdadeiro.

Se encontram com consoante, perdem toda a última sílaba, (p.9) como *túba katú* faz *túkatú* pai bom. Se a consoante seguinte é *t* ou *s* prefixos [1], fica como se encontrasse com vogal, como *túba s-etá* faz *túbetá* pais; *abá t-atã* faz *abáatã* homem forte.

Substantivos com substantivos, com a mesma mudança; mas o primeiro substantivo se compõe de três maneiras: a primeira, sendo aposto, e nesta sempre precede o nome mais usado e universal e genérico, como *mbaé-tatá* coisa fogo, coisa que é toda fogo; *mbaépirá* coisa peixe.

---

1. Há nomes que perdem ou mudam o *t* inicial como *t-atá*, *t-obá*, *t-éra* e outros, dos quais se tratará depois.

Sendo ambos iguais, fica à vontade de cada um: *guyrá-jaguára* ave cão, *jaguá-guyrá* [2] cão ave. Nesta maneira de aposto, não se perde o *t* prefixo, como consta do exemplo *mbaétatá* porque, perdendo-se, significa não "coisa que é toda fogo, "mas" coisa que tem fogo" (*mbaéatá*); outro exemplo *mbaé-tobá* coisa que é toda rosto, *mbaé-obá* coisa que tem rosto. Também pode ser complemento de posse, como *kauĩ-atá* por *kauĩ-ratá* fogo de vinho, isto é, com que se coze o vinho.

A segunda, se significam matéria, sempre precede a matéria de que se faz o objeto, como *itá* ferro, *pindá* anzol, *itá-pindá* anzol de ferro; *itá-jýba* [3] braço de ferro, *itá-atý* gaivota de ferro.

A terceira, também se pode fazer, quando o precedente é complemento de posse, e se tem acento na última vogal ou sílaba, como *pó* mão, *jaguára* cão, *jaguá-pó* mão de cão; *óka* casa, *itá* esteio, *ok-itá* esteio de casa; *jaguára tobá* faz *jaguá-robá* rosto de cão; *ména* marido, *túba* pai (p.9v), *mendúba* pai do marido, sogro: *d* interposto, conforme regra dos metaplasmos, explicada acima.

E ainda se soem compor, quando o precedente tem acento na última, como *kunumí* menino, *t-éra* nome, pode fazer *kunumi-éra* menino com nome, ou *kunumi-réra* nome do menino. O uso ensinará. O mais certo é que, quando há esta composição de complemento de posse, mais quer significar coisa que alguém tem de especial do que a própria posse, máxime nos que têm o acento na última e o segundo há de perder o *r*, como *abá* pessoa, *t-obá* rosto: *abá-obá* pessoa que tem rosto ou alguma particularidade nele; *abá-robá*, propriamente, rosto de homem. Quando se significa alguma idade ou tempo em que se faz alguma coisa, melhor se diz sem *r*, como *xe kunumi-éra* o nome de minha meninice, e assim de outra idade; *xe rekókatú-éra* o nome de minha virtude, isto é, do tempo de minha virtude.

Numerais (p.9v).

Os numerais não chegam mais que até quatro e estes comumente se prepõem ao substantivo, como *ojepé* um, *mokõi* dois, *mosapýr* três, *ojoirundýk* quatro; prepõem-se *ojepé abá* um homem, *mokõi kuñã* duas mulheres. Também se podem pospor, fazendo divisão, como *mosapýr abá oúr* três pessoas vieram: *apyába mokõi* dois homens, *kuñã ojepé* uma mulher (p.10).

Os numerais, acrescentando-lhes *a* na terminação, ficam ordinais e têm sua posição depois dos pronomes ou nomes à maneira de possessivos, como

---

2. *aguá guiaâ* erro de imprensa.
3. *itavûba* erro de imprensa.

xe mokõia segundo depois de mim, ou meu segundo; *Pero mosapýra* terceiro depois de Pedro, ou o terceiro de Pedro; *i-mosapýra* terceiro depois dele ou deles; *abá mokõia* o segundo das pessoas etc. Assim *mobýr* quantos, *i-mobýra* quantos deles.

Os nomes prepostos, que têm acento na penúltima, se se põem inteiros, têm a mesma significação de ordinais, como *ára* dia, *mosapýr* três, *ára mosapýra* dia terceiro. Se perdem a última sílaba querem dizer *três*, como *á-mosapýra* três dias juntos; *apyába mosapýra* o terceiro dos homens, *apyá-mosapýra* três homens juntos, posto que estes últimos também podem servir de ordinais: terceiro homem.

Se têm acento na última os prepostos, como não hão de perder nenhuma letra, significam uma coisa e outra, como *abá mosapýra* o terceiro dos homens ou o homem que tem três em si.

Para significar os outros ordinais acrescenta-se este vocábulo *suára, nduára, ixuára*, que todo é um, no fim doutros nomes ou preposições, e quer dizer: estante ou que está ou que pertence ou que se refere a pessoa ou coisa, como *t-enondé suára* o que está diante, *t-akypuéri-xuára* o que está atrás, *ti-enduára* o que está na dianteira.

Nos futuros também do subjuntivo se põem para significar quando e para quando, como *xe só-reme-nduára* (p.10v) o tocante a quando eu vou, quanto ao tempo de eu ir; no pretérito *xe só-reme-ndaruéra* quanto ao tempo de eu ter ido, o que se refere ao quando eu fui; no futuro *xe só-reme-ndaráma* quanto ao tempo de eu haver de ir, o que se refere ao quando eu irei.

Outras maneiras há também dos verbais em *ába*, mas fique para o uso do ensinar.

Os mesmos nomes numerais e adjetivos servem para advérbios e se conhecem pela construção da frase, como *katú* bom e bem, *poxý* mau e mal. Eles comumente se pospõem, como *a-ikó-katú* eu vivo bem, *a-ikó-poxý* eu vivo mal.

Ojepé um e uma vez, *mokõi* dois e duas vezes, *s-etá* muitos e muitas vezes, *mobýr* quantos e quantas vezes, *nã* tantos e tantas vezes. Estes numerais melhor se prepõem, como *ojepé asó* uma vez vou. Os outros advérbios doutras sortes facilmente mostram sua construção pelo uso, com as mais partes da oração.

Aumentativo e diminutivo

Turusú grande, só se usa na 3ª pessoa; para as outras serve *eburusú*, como se dirá (p.13).

Em composição com vocábulos que têm acento na última se põe *guasú*, como *piráguasú* peixe grande; com vocábulos que têm acento na penúltima ou verbos acabados em consoante ou vogal com acento na penúltima se põe *usú*, como *óka* casa, *ókusú* casa grande; *a-rúr* eu trago, *a-rúr-usú* eu trago muito; *a-jo-pói* eu o alimento, *a-jo-pói-usú* eu o alimento muito; *xe péu* eu tenho pus, *xe péu-usú* eu tenho muito pus.

O diminutivo se forma com o adjetivo *mirĩ*, pequeno, ou com os sufixos *ĩ,í*: *pirá mirĩ, pirái* peixe pequeno, peixinho; *xe jára, xe járĩ* meu senhorzinho; *xe mbaé, xe mbaéi* minhas coisinhas. Usa-se também com verbos, como *póra* saltar, *o-po-o-pór-ĩ* deu muitos saltinhos, (*po-por* reduplicação: muitos)[4]: *i* significa também: sem mais, à toa; como *ñé*.

Passado e futuro dos nomes [5]

Em todos os nomes há passado e futuro: o passado se faz com a partícula *puéra, uéra, éra* ; o futuro com *ráma, áma, uáma*, como *mbaé puéra* coisa que foi, velha, antiga; *mbaé ráma* coisa que será, futura. E daqui se formam os verbos sem prefixo verbal, como *i-puér* ele foi já ou passou já, *xe puér* eu fui, *nde puér* tu foste, *i puér tekó aíba* passou-se a maldade...

I rám ele será ou há de ser, *xe rám* eu serei, *nde rám* tu serás...

Formam-se desta maneira: os que têm acento na última fazem *puéra, ráma*, como *tobá* rosto, *tobá puéra* o rosto que foi, *tobá ráma* o rosto que será; os que têm acento na penúltima mudam a última vogal em *uéra*, como *óka* casa, *ókuéra* casa que foi, e no futuro em *uáma*, *ókuáma* a casa que será; se têm *b* na última sílaba mudam-no em *g*, como *túba* pai, *túguéra* o pai que foi, *túguáma* o pai que será; se têm *n, r* acrescentam no futuro *ma* somente, como *ména* marido, (*menáma*) o marido que será; *jára* senhor, *járáma* o senhor que será. No passado como os outros. Lembre-se a regra do *m, n*, til, acima fol.3.

Estes futuros significados o que há de ser o que havia de ser. Para a primeira é claro: *xe jaráma* meu senhor que há de ser. Para a segunda, ainda que se fale de coisas passadas, não têm respeito senão ao tempo que haviam de ser e não ao presente ou passado, como: se ontem Pedro não era meu senhor e fez alguma coisa, não digo eu: hoje Pedro meu senhor fez isto, mas digo: Pedro, meu senhor que havia de ser; porque quando fez, não era meu senhor: *Pedro xe jaráma*. Meu pai que

---

4. Cf. p. 54, com algo acrescentado.

5. Transposto da p.33v-34.

morreu disse tal; deve dizer-se: meu pai, que havia de morrer, disse tal *xe rúba omanóbaeráma aipó ñeéng*. "Dá-me anzóis", simplesmente fala-se pelo presente: *e-i-meéng pindá xébe*. Se quero pôr o possessivo primeiro, por força hei de falar pelo futuro, porque ainda não são meus, como *e-i-meéng xe pindaráma*: Pedro me deu meus anzóis (que hão de ser ou haviam de ser meus).

O verbal *r-ámbuéra*, como consta de sua significação, tem parte de futuro e passado, o que houvera de ser e não foi; donde nasce o verbo *i-rám-buér*, muito usado, como *i-rám-buér xe só* não houve efeito minha ida, ou *xe só rámbuéra* minha ida que houvera de ser (mas não foi).

E assim sua própria formação é do futuro, acrescentando o passado, como *tobaráma* rosto que há de ser; mudado o último *a* em *buéra* fica rambuéra, assim *tobarámbuéra*. Mas para maior facilidade tome-se esta regra: os que têm acento na última acrescenta-se rambuéra, como *pó* mão, *pórámbuéra* o que havia de ser mão; *tesá* olho, *tesárámbuéra* o que havia de ser olho; os que têm acento na penúltima acrescenta-se *mbuéra*, como *óka* casa, *ókámbuéra* o que havia de ser casa (mas não foi, falhada).

Opáb [6]

O-páb, às vezes é terceira pessoa do verbo *a-páb- ere-páb, o páb* acabar-se. As vezes é nome e significa *tudo, todos*, com seus compostos *opákatú, opábẽ, opábéñẽ, opábẽgatú, opábĩ, opábĩgatú.*

Tem força de advérbio para fazer mudanças no fim do verbo, como acima fica dito; mas para o princípio tem necessidade de substantivo expresso, como *opá abá só-u* todo o homem foi ou vai; *opá abá juká-u* ele matou todos os homens. Sempre há de ter *o* no princípio.

A interrogação *pe* sempre há de estar junto com ele, como *opá-pe túri*? Vieram todos?

E se há de ir no fim, perde o *o* e fica composto com o verbo, como a-rú-páb eu trouxe todos ou tudo; *a-rú-páb pirá* eu trouxe todo o peixe.

Se for composto, fará como os verbos acabados em *b*, como *a-i-mondó-páb* eu os fiz sair a eles todos, *i-mondó-páp-a* fazendo-os sair a eles todos (gerúndio).

Se o quiserem fazer nome, pôr-se-á somente no fim, como *i-mondóbo-pá* todos os homens fazendo-os sair, *pirá mondóbo-pá* todos os homens fazendo sair os peixes.

---

6. Transposto da p.54v.

Aé ou *é no fim dos vocábulos* [7]

Aé e *é* no fim dos vocábulos significam: *mesmo*. *Aé* se usa depois dos nomes, como *Pedro aé* Pedro mesmo (e não outrem), *katú aé* bom mesmo (e não mau) (p.12).

Usa-se *é* depois de advérbios: *korí-é* hoje mesmo (e não ontem); depois de preposições, como *i-xupé-é* a ele mesmo, *i-xupé-é* a ele mesmo, *ixé-bo-é* a mim mesmo; com pronomes usam-se *aé* ou *é*, como *xe aé* ou *xe-é* com verbos significa: por vontade, não atôa, e têm-se em conta as regras do metaplasmo, como *a-jur-é-ne* eu virei por mim mesmo, não fazendo caso do acréscimo; exemplos de metaplasmo: *añan* impelido, *añánde* impelido por mim mesmo; *asém* eu saio, *a-sém-bé* eu saio de própria vontade; *a-kái* eu ardo, a kai-jé eu ardo de mim mesmo.

Cap. V Dos Pronomes Pessoais e Prefixos Verbais (p. 10v-17)

Os pronomes pessoais e prefixos verbais não têm flexão nem distinção de gênero gramatical. [1]

Pronomes pessoais		Prefixos verbais
xe, ixé	eu	*a-*
nde (ne), endé, jepé	tu	*ere-*
i (s,t), o (reflex.)	ele, eles	*o-*
jandé, ñandé	nós (incl.)	*ja- ña-*
oré	nós (excl.)	*oro-*
pe, peẽ	vós (p.10v-11)	*pe-*

Construção destes pronomes

Antepostos aos substantivos, os pronomes servem de possessivos: *xe jára* meu senhor (senhor de mim), *nde jára*, teu senhor, *pe jára* vosso senhor ...(p.11v)

As segundas formas de alguns, *ixé, endé, jepé, peẽ* servem de sujeitos reforçativos em todos os tempos que têm prefixos, como *ixé a-só* eu vou, *endé ere-só* tu vais, *peẽ pe-só* vós ides: são reforçativas.

---

7. Transposto da p.53v-54.

1. O be ou bo, que corresponderiam ao dativo latino ou objeto indireto, não é flexão, mas preposição enclítica, como outras *pe, i*.

Onde o verbo perde o prefixo, se for ativo, também podem ser sujeitos, porque necessariamente lhe há de seguir objeto direto, como *ixé Pedro jukáreme* se eu a Pedro matar, *endé Pedro jukáreme* se tu a Pedro matares, *peẽ Pedro jukáreme* se vós a Pedro matardes.

Mas sendo o verbo neutro, necessariamente se há de repetir *xe, nde, pe*, como *ixé xe sóreme* se eu for, *endé nde sóreme* se tu fores, *peẽ pe sóreme* se vós fordes.

Repetidos desta maneira, também podem ser objeto direto em todos os tempos e modos, como *ixé xe jukáa* a mim me matam, *endé nde jukáa* a ti te matam, *peẽ pe jukáa* a vós vos matam.

Oro, opo pronomes da 2ª pessoa singular e plural são objeto direto, quando o sujeito do verbo é da 1ª pessoa singular ou plural, como *xe orojukáa* eu te mato, *oré orojukáa* nós te matamos, *xe opojukáa* eu vos mato, *oré opojukáa* nós vos matamos (p. 12).

Oré, jandé, pronomes plurais da 1ª pessoa, diferem nisto, a saber, que *oré* exclui a pessoa, com que falamos, daquele ato de que se trata, como *oré orosó* nós vamos (e tu não); *oré mbaé* nossas coisas (e não tuas). Porém *jandé* inclui a pessoa com que falamos, como *jandé jasó* nós vamos (e tu também), *jandé mbaé* nossas coisas (e tuas também).

Asé é como um pronome; significa *homem, a gente*, como quando dizemos: diz homem, diz a gente. E assim é uma 3ª pessoa e serve a ambos os números e gêneros, como *osó asé* vai homem, vai a gente. Na construção, quando é objeto direto, prepõe-se imediato ao verbo, assim como *xe, oré, jandé*. E serve para todos, como *asé jukáa* matam homem, isto é, a mim, a nós etc. Deixam-se outras significações que não são deste lugar.

S e *i* são pronomes da 3ª pessoa em todas as funções e números; significam: ele, ela, eles, elas (p.12 v).

O é recíproco: seu, sua, seus, suas, se, a si.

Sobre *o que, a que, os que, as que* se dirá abaixo, porque é o mesmo que os participios.

Construção mais particular dos pronomes e nomes

Na construção (exceto o sujeito e o objeto indireto que se põem indiferentemente) sempre o objeto direto se prepõe ao verbo, quer seja pronome, quer substantivo, quer adjetivo, como *xe jukáa*, a mim matam, *nde, i, oré, jandé, pe jukáa*, a ti, a ele, a nós, a vós matam.

Dá-se o mesmo com os complementos de posse e de preposições; estas se tornam posposições, como *xe resé* por mim, *Pedro resé* por

Pedro; *xe jára* senhor de mim (meu senhor), *i-jára* senhor dele, *Pedro jára* senhor de Pedro.

S relativo: Alguns nomes começados por *t*, como *t-eté* corpo, *t-obá* rosto, *t-éra* nome... são indeterminados; determinados, substituem o *t-* por *s* na terceira pessoa, por *r* nos outros casos e por *o* no reflexivo, como *t-eté* corpo em geral, *s-eté* corpo dele, *xe r-eté* corpo de mim (meu corpo). *Pedro reté* corpo de Pedro, *o-eté* seu corpo, ou, *ogueté*, porque se sói interpor *gu* ou *g* somente onde *o* se encontra com outra vogal por causa da harmonia e é melhor pronunciação (p.13).

Alguns há que não têm *t-*, mas somente *s-e* sempre se há de mudar em *r* etc. como acima: *s-esé* por causa dele, *xe r-esé* por causa de mim, por minha causa etc. Fazem-se indeterminados com *poro*, do qual se tratará abaixo: *poroesé* ou *poresé* por causa da gente.

Outros há que incluem no *t* - tanto o indeterminado como o relativo, como *t-uba* pai e pai dele, Pedro r-uba pai de Pedro, *og-uba* seu pai. São, mais ou menos, estes poucos:

Túba pai
Tamúya avô
Taýra filho
Tajýra filha
Tykyýra irmão maior
Tybýra irmão menor
Tykéra irmão maior de mulher
Tatuúba sogro (também com *s* e melhor)
Taixó sogra (também com *s* e melhor)
Tubixába chefe (também com *s*)
Tynyséma cheio
Tý água, sumo ou caldo
Tykú ralo, líquido
Tínga branco (este não muda o *t* em *r*)

Turusú grande; deste não se usa senão na 3ª pessoa; para outras pessoas serve *seburusú*, desta forma *xe reburusú, nde reburusú, seburusú* eu, tu, ele é grande etc. (p. 13v).

Alguns acrescentam *s* somente, não o tendo o simples, como *pé* ou *apé* caminho, *sapé* caminho dele, *óka* casa, *sóka* casa dele; *uúba* flecha, *suúba* flecha dele etc.

Estes seguintes acrescentam *se* inteiro, como *senimbó* fio, corda dele:

Ñae prato (com seus compostos)
Nauúma barro
Kúja cuia
Kujá canteiro
Nimbó fio, corda
Panaku cesto comprido
Moéma mentira (também tem *temoéma*)
Mbetára tembetá (também *tembetára*)
Urú vaso (com seus compostos faz *sepurú* vaso dele, interposto *p*)

A todos os começados por *mi* acrescentam *se* inteiro, quais são os verbais e outros também que parece nasceram de verbos. São estes quase todos:

Miapé pão, *mimója* cozido, *miára* ou *mbiára* presa, *mimoipóka* cozido com estalo, *mingaú* mingau, *mindypyrõ* papas, *mixýra* assado. Estes andam mais no uso como nomes simples, mas deveras nasceram de verbos e hão de levar *se* inteiro no princípio com suas mudanças (p.14).

Os verbais todos são indeterminados também, como *mijuká* matado, e se determinam como acima: *semijuká* o matado dele ou matado por ele, *Pedro mijuká* o matado por Pedro, e assim dos mais.

lýra sobrinho e sobrinho dele; serve o *i* por relativo, mas preposto o pronome ou nome, toma *r*, como *xe riýra* etc.

Dos começados por t que têm i por relativo

Outros há, começados por *t*, que não o mudam nem em *s* nem em *r*, mas têm *l* por relativo, nem perdem o *t* com o reflexivo, como *tutýra* tio materno, *itutýra* tio dele, *xe tutyra* meu tio, *otutyra* seu tio; e os que seguem:

Tý urina
Tĩ nariz
Tiapýra guia
Tapéra a que foi taba,aldeia
Tába aldeia
Tapýya tapuia, bárbaro, escravo
Týba (*túba*) multidão
Tubýra poeira
Teñéa lorota, falsidade
Tuñábae, túibae velho
Tínga coisa a que temos fastio
Tagaýba valente
Tupã e *tupána* Deus
Tyrá arrepio
Tyrá áspero
Tateñé e *taté* errado
Taták rã
Tutúk tremer
Tybytába sobrancelha
Tén firme
Té diferente
Tekoáraíba necessidade
Túnga bicho de pé
Tebýra poeira; e outros talvez.

Taí travo, ardido: este, ainda que não muda, o mesmo *T* lhe serve por relativo, sem tomar outra letra alguma (p.14 v)

Em nomes de hervas, frutas, animais, materiais, começados por *t*, não se muda o *t* em *r*, como *tajá* nome de uma raiz, *xe tajá, itajá, otajá; taguá, tobatinga,* nomes de barro; *xe taguá, itaguá...*

Em nomes de animais, não se sói pôr antes o pronome ou complemento de posse, como *tapiýra* vaca; não se diz *xe tapiýra* minha vaca, mas *xe reimbába tapiýra*; *pirá* peixe, no que diz *xe pirá*, mas *xe reimbába pirá*. É porém *mimbába* qualquer animal manso que homem

cria ou amansa, e preposto o pronome, se diz *seimbába*, com suas mudanças de letras, como *xe reimbába*, *oeimbába*. *Mbiára*, da mesma maneira quer dizer presa, acrescentando-se *se* por relativo, como *sembiára*, *xe rembiára*, *oembiára*.

Alguns outros nomes há que guardam o mesmo, mas têm subentendido o adjetivo *meu* em todas as pessoas, como *aí* minha mãe. O homem chama à irmã *peĩ*, *guaupíra* minha irmã, e à menina sobrinha *itó*, *titó*, *guaitó;* a irmã ao irmão *aĩ*, *guaiá*; o pai e mãe ao filho varão *piá*; ao pai e senhor *paí*; à senhora e a qualquer mulher honrada, a mulher diz *tapé*, e o varão diz *taupé*; qualquer mulher diz *guáia* mano ou meu mano; uma mulher à outra *kyĩ*, *kynaĩ*, *naĩ* mana, minha mana; e outros que deve haver desta forma.

Todos mais, máxime chamando, nunca se põem sem o adjetivo *meu*, *nosso*... expresso, como pai, mestre, tio, mãe etc. *xe rúb*, *xe mboesár*, *xe tutýr*, *xe sý* etc (p.15).

O senhor, o pai, o mestre etc. indeterminados se dizem com *asé*, como *asé jára* o senhor de homens, de gente; e não *jára*. Tornam-se também indeterminados com *moro* ou *t*, como *tembó* mão de gente, *morom-boesára* mestre de gente, *tesá* olho de gente. E quase todos os nomes se podem falar indeterminados com *moro*, como *morojára*, sem recorrer a *asé* preposto; mas isto não é tão usado em nomes, como em verbos e nos verbais ou particípios que nascem deles, como *morom-boesára* mestre, o que ensina gente. Isto há lugar onde é como posse de coisa, como é claro nos exemplos acima, meu senhor, meu mestre. Porque, onde isto não se dá indeterminadamente, se põe simplesmente: o ladrão *mondá*, o mau *angaipába*, o fugidor *kañembóra*.

Os começados por *t* que significam partes do corpo ou coisa tocante a homem, quando são indeterminados, se entendem comumente de homens, como *teté*, de modo indeterminado, quer dizer corpo humano, *toó* carne humana, *tesá* olho humano, *teõbuéra* cadáver humano, *teýia* ajuntamento de homens. O mesmo é nos de parentesco, como *tamúia* avô de homens, *teindýra* irmã de homens.

Alguns começados por *s* não o mudam em *r*, mas têm *i* por relativo, depois do qual, tanto nos nomes como nos verbos, sempre se segue *x* em lugar de *s*, como *sý* mãe (p. 15v), *xe sý* minha mãe, *ixý* mãe dele. E com o reflexivo não perde o *s*, como *osý* sua mãe. Estes são poucos; mais ou menos os seguintes: *sý* mãe, *syýra* tia materna, *sybá* testa, *sýra* enxada, *sáma* corda, *suguarajý* meretriz, *suguanãéia* o mesmo.

Também nos verbos se dá o mesmo, como *asó* eu vou, *ixó* ele vai, *ixóreme* quando ele for; *ix* em lugar de *is*.

De maneira que, assim estes que não têm *s* mudam-no, como todas as mais partes (tiradas as sobreditas começadas por *t* e *s* que o mudam em *r*) têm por pronome relativo i, como *ába* cabelo, *iába* cabelo dele, *oába* seu cabelo; *ikatú* bem dele, *okatú* seu bem; *pó* mão, *ipó* mão dele, *opó* sua mão.

A mesma mudança de letras se guarda nas preposições e verbos, como *tobaké* em frente, *sobaké* em frente dele, *xe robaké* em frente de mim, em minha frente, *oobaké* ou *ogobaké* em sua frente.

Estas três preposições *sui, sosé, supé* não mudam o *s* em *r*, mas têm *i* com *x*, como *suí* de, *ixuí* dele, *xe sui* de mim, *ojosuí* ou *ojesuí* de si; *sosé* sobre, *ixosé* sobre ele, *xe sosé* sobre mim, *ojososé* sobre si; *supé* a, para *ixupé* a ele, *eí Pedro supé* diz a Pedro, *ojoupé* ou *ojeupé* a si. Mas não se diz *xe supé*, nem com os mais pronomes da 1ª e 2ª pessoa, porque têm terminação própria com a preposição *be* ou *bo*: *xebe* ou *xebo* a mim, *orébe* ou *orébo*, *jandébe* ou *jandébo* a nós (excl. e incl.), *peẽme* a vós. (p.16)

Nestas seguintes, também em lugar do reflexivo *o*, se põe *ojo*, como *sesé* por ele, *xe resé* por mim, *ojoesé* por si, em lugar de *oesé*; *pupé* em, *ojopupé* ou *ojepupé* ou *opupé* em si. Servir esta partícula *jo*, nestas preposições, de reflexivo o, não lhe tira sua própria significação que tem em todas as dicções, que é ser recíproco, de uns a outros, onde a linguagem o permitir, como *mbaé* coisa. *oré jombaé, jandé jombaé* nossas coisas mútuas, *i jombaé* coisas mútuas dele, *pe jombaé* vossas coisas mútuas, *o jombaé* suas coisas mútuas.

Nas preposições: *suí* de, *oré josuí* de nós mutuamente, e assim no mais.

E na terceira pessoa pode servir a todas as pessoas e números, de sorte que, assim como dizemos *oré jombaé, oré josuí*, assim dizemos *o jombaé: jarekó ojombaé* temos as nossas coisas mútuas, em lugar de *jandé jombaé; jajepeá ojosuí* separamo-nos uns dos outros, em lugar de *jandé josuí*, e assim nas outras pessoas.

Uso do reflexivo o

Do reflexivo o, que é *se, seu, sua, suas*, se usa simplesmente quando se refere à pessoa agente, como em nossa língua; assim *Pedro ojuká ogúba* Pedro matou seu pai. Nestas orações simples não há dúvida.

Havendo dois verbos numa oração, que fazem como duas orações dependentes uma da outra, sempre se há de ter respeito ao principal verbo da oração (p.16v) e ao sujeito dele se há de referir o reflexivo *se* ou *seu*, como: Pedro vai, porque eu o mando, porque tu o mandas,

porque seu pai o manda etc.; em todas estas se põe o reflexivo e não *i* nem *s* relativos, como *Pedro osó, ixé omondóreme* Pedro vai, porque eu o mandei: *Pedro osó, endé omondóreme* Pedro vai, porque tu o mandaste; *Pedro osó, ogúba omondóreme* Pedro vai, porque seu pai o mandou; e não *imondóreme*. Porque Pedro é a principal pessoa desta oração; como se dissesse: Pedro vai, porque eu mando a si, porque tu mandas a si, porque seu pai manda a si, isto é, ao próprio filho Pedro. Porque o principal verbo destas orações é: Pedro vai; e dele necessariamente se há de entender o reflexivo a *si* e *seu*.

Nestas orações, ainda que as primeiras e segundas pessoas sejam as principais partes delas, claro está que há de usar o reflexivo, porque é terceira pessoa, como: Amo a Pedro, porque ama a seu pai, *Asausúb Pedro, ogúba rausume*; e assim nas outras pessoas primeiras e segundas dos dois números.

Mas sendo ambas terceiras pessoas, como nesta: *João Pedro osausúb, ogúba rausúme* João ama a Pedro, porque ama a seu pai, pode referir-se "seu pai" tanto a Pedro como a João; mas o mais certo é referir-se a João, porque é o principal sujeito da oração.

Conforme a isto, algumas orações, que em nossa língua permitem seu, não se sofrem com reflexivo senão com relativo, como: Sua virtude recomenda a Pedro *Sekókatú Pedro oimombéu*; e não *oekókatú* (p.17).

Para o reflexivo em si mesmo serve *je*, como *ojuká* ele mata, *ojejuká* ele se mata.

O mesmo se pode fazer nos nomes substantivos, se o uso o permitir, como: ele é para si seu pai, sua mãe etc.: *ojeúbamo sekóu (t-úba* pai), *ojesýramo sekóu (sý mãe)*.

Cap. VI: Dos Verbos (p.17v)

Ainda que todos os verbos têm uma só maneira de conjugação, contudo podemos dizer que têm duas [1]; porque o negativo acrescenta algumas partículas que sempre têm juntas consigo, para se conhecer ser tal, e ambas se porão aqui.

Modo indicativo

(presente, imperfeito, perfeito e mais que perfeito)

1. Outros põem duas conjugações: a dos verbos com prefixos verbais e dos que requerem pronomes pessoais *xe, nde* etc.

Afirmativo

A-jukâ: eu mato, matava, matei, tinha matado

Ere-jukâ: tu matas...

O-jukâ: ele, eles mata*m*

Oro-jukâ: nós matamos.. (excl.)

Ja-jukâ: nós matamos... (incl.)

Pe-jukâ: vós matais..

Negativo

Nd-a-jukâ-i: *eu* não *mato...*

Nd-ere-jukâ-i: tu não matas...

Nd-o-jukâ-i: ele,eles não matam...

Nd-oro-jukâ-i: nós não matamos... (excl.)

Nd-ia-jukâ-i: nós não matamos...(incl.)

Nda-pe-jukâ-i: vós não matais...

Futuro

A-jukâ-ne: eu matarei; e assim nas outras pessoas, acrescentando *ne* no fim

Nd-a-jukâ-i-xoé ou *xó-ne*: eu não matarei; e assim nas outras pessoas, acrescentando *xoéne* ou *xóne.*

Modo Imperativo (p.18)

E-jukâ: mata tu

Pe-jukâ: matai vós

E-jukâ-umé: tu não mates

Pe-jukâ-umé: vós não mateis

As outras pessoas tomam-se do subjuntivo presente, p.ex.: *T-o-jukâ-umé*: ele não mate ...

Modo Subjuntivo

T-a-jukâ: mate eu; e assim nas mais pessoas pondo *t* inicial ou *ta* na 2ª do plural por começar em consoante

T-a-jukâ-umé: não mate eu: e assim nas mais pessoas pondo *ta* na 2ª. pessoa do plural por começar por consoante (*pe*).

Subjuntivo de desejo (Optativo)

A-jukâ temomã: oh! se eu matasse e assim nas mais pessoas acrescentando *temomã.*

Nd-a-jukâ-i-xó ou *xoé temomã*: oh! se eu não matasse; e assim nas mais pessoas acrescentando *temomã* (na 2ª. plur. *nda*).

No passado

A-jukâ meĩmomã ou *meĩmo* ou *momã*: oh! se eu tivesse matado etc.

Nd-a-jukâ-i-xoé ou xó meimomã ou *meĩmo* ou *momã*: oh! se eu não tivesse matado...

Condicional presente (p.18v)

A-juká-mo: eu mataria ou matasse e assim nas outras pessoas acrescentando *mo*

Nd-a-juká-i-xoé ou *xó-mo*: eu não mataria e assim nas outras pessoas acrescentando *xoémo* ou *xómo*.

Condicional passado

A-juká-meémo: eu teria matado e assim nos mais com *méemo*.

Nd-a-juká-i-xoé ou *xó-meémo*: eu não teria matado; e assim nos mais com *xoémeémo*...

Futuro

Juká-reme: se, quando, porque mato, matei, matar, matasse; matando.

Juká-eýme: se, quando,porque não mato, não matei, não matasse; não matando.

Esta sozinha serve a todas as pessoas e números, juntando-lhe no princípio os nomes ou pronomes expressos.

Infinitivo (p. 19)

Presente: *Juká*: matar
Passado: juká-á-guéra: ter matado
Futuro:*juká-á-uáma* ou *guáma*: ter de matar
Futuro passado:*juká r-ám-buéra*: teria de matar (mas não matou).

Juká-eýma: não matar
Juká-á-guér-eýma: não ter matado.
Juká-á-uám-eýma (guám): não ter de matar
Juká r-ám-buér-eýma:não teria de matar (mas matou).

Gerúndio

Juká-bo: matando

Juká-eýma: não matando

de outros gerúndios de terminação diferente se dirá depois.

Particípios ou verbais ativos em ára

Presente:*juká-sára*: matador, o que mata
Passado:*juká-sár-uéra*: o que foi matador
Futuro:*juká-sár-áma*: o que será matador
Futuro passado: *juká-sár-ám-buéra*: o que tinha de matar (mas não matou)

Juká-sár-eýma: o não matador, o que não mata
Juká-sár-uér-eýma: o que não foi matador
Juká-sár-ám-eýma: o que não será matador
Juká-sár-ám-buér-eýma: o que não tinha de ser matador (mas foi)

Ativos em ába

Presente:*juká-sába*: matança:lugar, tempo, modo... de matar.
Passado:*juká-sá-guéra*: o que foi matança
Futuro:*juká-sá-uáma* (guáma): o que será matança
Futuro passado: *juká-sáb-ám-buéra* que teria de ser matança (mas não foi).

Juká-sáb-eýma:não matança... o mesmo negativamente
Juká-sá-guér-eýma: o que não foi matança
Juká-sá-uám-eýma: o que não será matança
Juká-sáb-ám-buér-eýma: o que não teria de ser matança (mas foi)

Particípios passivos (p.19v)

Presente: *mi-juká*: matado
Passado:*mi-juká-puéra*: o que foi matado
Futuro: *mi-juká-ráma*: o que será matado
Futuro passado: *mi-juká-rám-buéra:* o que teria de ser matado (mas não foi).

Mi-juká-eýma: não matado
Mi-juká-puér-eýma: o que não foi matado
Mi-juká-rám-eýma: o que não será matado
Mi-juká-rám-buér-eýma: o que não teria de ser matado (mas foi).

A estes de *mi* se acrescenta *se* no princípio da 3ª. pessoa e não *i*, como *se-mi-juká* matado por ele; *xe mi-juká* matado por mim, *oe-mi-juká* matado por si mesmo.

Outros passivos

Presente: *I-juká-pýra*: o matado
Passado:*I-juká-pýr-uéra*: o que foi matado
Futuro: *I-juká-pýr-áma*: o que será matado
Futuro passado: *I-juká-pýr-ám-buéra:* o que teria de ser matado (mas não foi).

I-juká-pýr-eýma: o não matado
I-juká-pýr-uér-eýma: o que não foi matado
I-juká-pýr-ám-eýma: o que não será matado
I-juká-pýr-ám-buér-eýma: o que não teria de ser matado (mas foi).

O *i* do princípio é vogal como relativo; noutros serve *s*, como acima mais largamente se disse.

Todos estes negativos *eýma* dos passados e futuros se podem pôr no meio e no fim, como *juká-á-guér-eýma* ou *juká-eým-á-guéra*; *juká-á-uám-eýma* ou *juká-eým-á-uáma*. A uns está melhor no meio, a outros no fim; o uso ensinará. Porém *r-ám-buér-eýma* nunca se põe no meio. A razão por que o *eýma* se pode usar no meio é porque os verbos

podem negar-se com *eým*, como *a-juká-eým* eu não mato; mas não está em uso, senão do futuro do subjuntivo em diante (p.20).

E assim há de fazer no futuro do subjuntivo *juká-eýme*, porque não se lhe acrescenta mais que *e*, e porque acaba em *m*, e no presente do infinitivo em *a*, como *juká-eýma*, e sobre este se podem formar os passados e futuros negativos, como *juká-eým-á-guéra* não ter matado, *juká-eým-á-uáma* não ter de matar.

E assim poderá formar o particípio em *ára*, como juká-eým-bára, *juká-eým-bár-uéra*, *juká-eým-bár-áma*, o não matador, o que não matou, o que não matará. E assim o passado e o futuro e seus negativos, e nos verbais ou particípios; mas o uso será o melhor mestre.

Os verbos acabados em vogal, com acento na última ou *r*, podem fazer no futuro afirmativo do infinitivo *ráma*, como *juká, juká-rama* (ter de matar); *t-úra* de *a-iur, t-ur-áma*, ter de vir. Os mais infinitivos, que têm acento na penúltima, no futuro não têm mais que um *á*, como *s-epiák-a* ver, *sepik-á-uáma*, ter de ver, em lugar de *s-epiákaá-uáma*, e podem perdê-los ambos, como *s-epiakuáma*; *moñánga* fazer, *moñáng-uáma*; *s-ausúba* amar, *s-ausúg-uáma*, ter de amar.

Týma enterrar, plantar, *týg-uáma* ter de plantar; porque nestes o *b* e *m* melhor se mudam em *g*.

Cap. VII: Anotações na Conjugação[1] (p.20-36)

As pessoas que variam os verbos são seis. A terceira é a mesma no singular e plural, porque os nomes não têm números, como acima se disse. Exemplo: *a* eu, *ere* tu, *o* ele, eles; *oro* nós (excl.), *ja* nós (incl.), *pe* vós (p.20v).

Todos os verbos ativos e muitos neutros se conjugam com estas pessoas, às quais chamamos prefixos verbais à diferença dos pronomes pessoais, com os quais se conjugam muitos verbos neutros, e não com os prefixos; mas nas terminações seguem a conjugação, porque não há mais que uma, como acima se disse. Assim pois:

Afirmativo	Negativo
xe maenduár eu me lembro	*Nda xe maenduár-i* eu não me lembro
nde maenduár tu te lembras	*Nda nde maenduár-i* tu não te lembras

1. Longo Capítulo, com minuciosas notas, algumas mais de conversa do que de escrita

I maenduár ele, eles se lembram

Oré maenduár nós nos lembramos (excl.)
Jandé maenduár nós nos lembramos (incl.)
Pe maenduár vós vos lembrais

Nd-i-maenduár-i ele, eles não se lembram
Nd-oré-maenduár-i nós não nos lembramos
Nd-iandé maenduár-i nós não nos lembramos
Nda pe maenduár-i vós não vos lembrais

Exemplo dos que têm *s*, que se há de mudar em *r*. (p.21)

Xe r-orýb eu me alegro
Nde r-orýb tu te alegras
S-orýb ele, eles se alegram
Oré r-orýb nós nos alegramos (excl.)
Jandé r-orýb nós nos alegramos (incl.)
Pe r-orýb vós vos alegrais

Nda xe r-orýb-i eu não me alegro
Nda nde r-orýb-i tu não te alegras
Nda s-orýb-i ele, eles não se alegram
Nd-oré r-orýb i nós não nos alegramos
Nd-iandé r-orýb-i nós não nos alegramos
Nda pe r-orýb-i vós não vos alegrais

Os verbos que têm prefixos não usam deles, do futuro do subjuntivo em diante, como consta na conjugação, mas há de ter os sujeitos expressos, se são neutros, como *a-só* eu vou, *xe-só-reme* se eu for, *nde-só-reme* se tu fores etc.

E se são ativos hão de ter sujeito e objeto direto, como *a-juká* eu mato, *ixé nde juká reme* se eu te matar, *endé xe juká-reme* se tu me matares, *ixé Pedro juká reme* se eu matar a Pedro.

Presente do Indicativo

O presente do Indicativo, posto que inclui em si os quatro tempos, contudo mais propriamente significa o passado. Mas do contexto (p. 21v) se entende ou do modo de falar; e comumente para o presente (ainda que não é sempre necessário) se lhe põe na 1ª. pessoa de um e outro número as partículas *ã, iã, niã, ikó*, que tudo é um, como *a-só-ã, a-só-iã, a-só-niã, a-só-ikó* eis que vou, aqui vou; e às vezes se põe o mesmo *ã* etc. no futuro, como *a-só-niã-ne* eis que irei. Na 2ª.pessoa que sói pôr *ui* dissílabo, com *ere-só-ui* eis que tu vais, *pe-só-ui* eis que vós ides; e *ã* também.

Para o imperfeito se lhe sói juntar *biã* monossílabo, como *a-só-biã* ia eu, mas... Ainda que este *biã* se junta com os outros, significando que

não se cumpriu o fim para que se fazia a obra ou algum impedimento, como *a-só-biã* fui eu, mas (nem por isso me deram tal); *a-s-ausu-biã* amo eu, mas (nem por isso me ama). Tendo o objeto direto expresso, há de ficar *biã* no fim, como *ajuká abá biã*[2] mato alguém, mas... E assim, sem este *biã*, serve o presente por imperfeito, como na conjugação simplesmente, e sem alguma outra partícula.

Para o mais que perfeito, há de ter *umuã* no fim, o qual propriamente sgnifica *já* e a todos os tempos serve, como *nde rúreme ajuká umuã* quando vieste, já o matara. Item perfeito e mais que perfeito do subjuntivo de desejo (optativo), como *ajuká umuã temomã* oxalá já o tenha matado; ou com outro advérbio do tempo passado, como *kuesé* ontem, *kueséñeým* este outro dia etc (p.22). Item no subjuntivo, como *nde rúrememo, ajuká umuãmo* se viesses, já o teria matado ou... *umuã meémo*. Finalmente com todos os tempos e partícipios se pode por *umuã*, para fazer o passado. Alguns pronunciam *umã*: é o mesmo.

Futuro do Indicativo

No futuro acrescenta-se *ne* no fim, o qual para lá se guarda, ainda que se interponham outras partes da oração, como *Asóne* irei, *asó koríne* irei hoje, *asó korí paranãmene* irei hoje ao mar; *asó korí ókupe, nde rúr iréne* irei hoje à casa, depois que tu vieres.

No negativo tem *xóe* ou *xó* antes de *ne*, como é claro.

Nos acabados em consoante há de interpor-se *y* (*u,i,e*) antes do *ne*; veja acima p.1v.

Imperativo

Só tem próprias as segundas pessoas formadas do Indicativo com as iniciais *e* para o singular e *pe* para o plural, como *e-bebé* voa tu, *pe-bebé* voai vós; *e-i-pysyk* apanha-o tu, *pe-i-pysyk* apanhai-o vós. Nos verbos de pronome paciente (*xe*) o imperativo toma os pronomes *nde* e *pe*, como *nde maenduár* lembra-te tu, *pe maenduár* lembrai-vos vós (p.22v).

Para o negativo põe-se *umé* ou *ymé* no fim, como *e-bebé umé* não voes... *pe-i-pysyk umé* não o apanheis vós... *pe maenduár umé* não vos lembreis vós. O *umé* ou *ymé* podem apartar-se do verbo com alguma partícula antes dele, como *ejuká umé* não o mates, *nde ñó umé ejuká* não o mates tu sozinho.

---

2. *A-juká* é contração de *a-i-juká* (*i* com semivogal *j*).

Presente do Subjuntivo

Forma-se do Indicativo com a partícula inicial *ta*, a qual, se se encontra com vogal, perde o *a*, e se com consoante, fica inteiro, como *t-a-só* vá eu, *t-oro-só* vamos nós, *t-o-só* vá ele ou vão eles. Quer se chame Subjuntivo, quer Permissivo ou Concessivo, tudo se faz com *ta*, nos sentidos de pedir licença, conceder, permitir, convidar, exortar, ordenar, como *t-ere-só* vás tu, vai tu, irás tu; *ta-pe-só* vades vós, ide vós, ireis vós; *t-ia-só* vamos nós, iremos nós...

E assim serve também de futuro do Indicativo, mas não tão determinado e resoluto como *a-só-ne* eu irei, hei de ir; mas como obedecendo, oferecendo-se, determinando-se, tendo intenção, como *t-a-só* irei eu, *t-oro-só*, *t-ia-só* iremos nós, *t-o-só* irá ele, irão eles; e também mandando nas segundas pessoas, quase como imperativo: *t-ere-só* vai tu, *ta-pe-só* ide vós (p.23).

Mas na 1ª. pessoa do singular e do plural põe-se-lhe *ne* comumente, como *tasóne*, *torosóne*, *tiasóne*, irei eu, iremos nós; pode substituir-se *ne* por *ká* e *guijábo*, como tasó ká guijábo dizendo eu: que eu vá pois; pode também omitir-se t e guijábo, pondo *-ne ká* ou *-pe ká*, como *asóne ká* ou *asópe ká* eu irei pois; no negativo *asó uméne ká* ou *asó umépe ká* eu não irei pois. Nas outras pessoas (2ª. e 3ª.) raramente se põe alguma partícula, como *rõ* que quer dizer: portanto, pois; assim tosó rõ, *tosóne rõ*, *tapesóne rõ* vá ele portanto, ide vós portanto.

Como esta maneira de futuro não é de resolução clara, corresponde bem à linguagem portuguesa *para que*, como *erú pirá*, *taúne* traze peixe para que eu coma (quer se siga o efeito de comê-lo, quer não), ainda que a própria linguagem ao pé da letra diz: traze peixe, comê-loei.

Na 1ª. pessoa do plural (incl.) que tem *t-iá*, se sói tirar o *á* e ainda o *t* elegantemente na conversação, e isto com os verbos ativos, porque também com *iá* se usa o indicativo em lugar do subjuntivo: *iarú* em lugar de *tiarú* e *irú* em lugar de *tirú*, trazemos , tragamos.

O mesmo se dá com *t-ia-s-apy* queimemô-lo nós: tirado o *á* fica *tixapy* (*i* antes do *s*), e tirado o *t*, *ixapy*. Alguns pronunciam *xia* monossílabo em lugar de *tia* dissílabo, (p.23v) como *xiasó* em vez de *tiasó* vamos; e no pronome *jandé* dizem *xiandé roryb* em vez de *tiandé rorýb* alegremo-nos. Algumas vezes se usa *tiá* ou *xiá* só, e então comumente quer dizer: vai ou ide vós diante, como convidando a algum: vamos a tal parte. Responde *tiá* ou *neî tiá* etc. como quem diz: sus! vai adiante. Também se usa desta 1ª. pessoa, e não da 2ª., quando se convida alguém para alguma obra, como *tiasó xe irûmo* vamos comigo. Para avisar, não se usa do imperativo negativo, mas do presente do indicativo, como *ndajukái* olha não mate eu, *nderejukái* olha não mates tu.

Para concluir com o presente do subjuntivo, se note que, assim como no português há algumas palavras que pedem subjuntivo e têm linguagem de indicativo, como *ainda que, posto que*, assim cá com algumas partículas o indicativo serve de subjuntivo, como *aujebeté* embora, *jepé* debalde, ainda que; assim *aujebeté asó* embora vá eu, ainda que eu vá; *jepé asó*, ainda que eu vá; entretanto a própria linguagem é: *debalde fui* ou *irei* ou *vou* etc.; e também se pospõe, como *asó jepé, asó jepéne* em todos os tempos.

Para o imperfeito do subjuntivo não há que mudar, porque sempre se fica com sua linguagem própria, pondo-lhe *mo*, como se dirá adiante; assim *jepémo asó* debalde fora eu, ainda que eu fosse; *aujebetémo asó* embora fora eu, dou-lhe que fora eu (p.24)[3].

Para o perfeito ou mais-que-perfeito, acrescentam-se advérbios do tempo passado, como *já, ontem* etc.; assim *aujebeté xe só umáni* embora fui, embora tenha ido já; *jepémo xe só umáni* ainda que já tenha ido ou tivesse ido; *aujebetémo xe só umáni* embora tivesse ido, que resulta daí?; *aujebéramo asó* fui a bom tempo, a propósito; *aujebéramote asó* idem, *asóne, tasóne*. E sempre se faz indicativo propriamente; o mesmo é *aujebée, aujeé*; porém *aujebéramomo* se faz propriamente perfeito do subjuntivo por causa do 2º *mo* que tem.

O mesmo é com a interrogação *pe*, a qual não muda o tempo, porque a mesma linguagem tem de um modo a outro, como *asóp-ixéneé*? que vá eu? que hei de ir eu?; *asópemoé*? que havia eu de ir? que houvesse eu de ir?

Enfim que com várias partículas se fazem os modos potencial e permissivo, um modo por outro, um tempo por outro, como em nossa língua; pelo que o uso será melhor mestre. Tenha-se conta com a linguagem que diz: vá, fôra, iria etc. e tudo se achará nestes tempos.

Subjuntivo de desejo (Optativo)

O primeiro tempo deste modo (como acima) sempre significa futuro: oh! se eu matasse; mas com algumas partículas do tempo passado pode significar perfeito e mais-que-perfeito; o segundo sempre significa passado. Além disto, note-se que a partícula *mã* sempre há de ir no fim, como *asótemo ybákype mã* oh! se eu fosse ao céu! *asómeĩmo ybákype mã* oh! se eu tivesse ido ao céu! (p.24v).

Pondo-se alguma parte antes do verbo, com ela se há de pôr *temo* ou *beĩmo*, como *ixétemo asó mã* oh! se eu fosse, *ixétemo ndasóixoé mã*

3. Por erro de imprensa é repetida o nº da pág. 23 em vez de 24.

oh! se eu não fosse, *ixémeîmo asó mã* oh! se eu tivesse ido, *ixémeî asó mã* ou *ixémo asó mã* o mesmo; *ixémo-ndasóixo mã* oh! se eu não fosse; é o mesmo *beîmo* e *meîmo*. Não é usado nas segundas pessoas em qualquer caso que estejam, mas em lugar delas sucede a terceira, como para dizer: oh! se tu o matasses, não se diz *ereijukátemo mã*, mas: oh! se aquele o matasse, entendendo tu, *ojukátemo mã* oh! se eu te matasse, oh! se te matassem; não, mas oh! se eu matasse aquele, oh! se matassem aquele...

Também serve de futuro do subjuntivo de desejo esta partícula *marãasóaramo asó mã ou xe só umã* oh! se eu fosse; subentendendo *mã*, quer dizer: oh! como viria bem que eu fosse!

Para significar passado, põe-se-lhe alguma partícula que o signifique, como *já*, *ontem*; assim *marãasoáramo xe sóu kuesé* ou *kuesé mã* oh! como viria bem que eu tivesse ido ontem!

Esta variedade faz a partícula *mã*, da qual se usa em coisas de desejo e mágoa, e assim serve de subjuntivo, posto que a própria linguagem deste modo *oú meî mã, oú meîmo mã* quer dizer: oh! como não vem, como não veio; como se dissesse: houvera de vir, desejando-o; e por isso serve muito bem de subjuntivo de desejo (optativo) (p.25).

Imperfeito do Subjuntivo ou Condicional

Este tem *mo* no fim, e pode ter dois, como *asómomo* responde a passado e futuro conforme as duas linguagens que tem, como *xe mondóremomo asómo* se me mandassem iria eu, se me mandarem irei eu; facilmente se entende do que se trata e da maneira que se trata o futuro e passado, isto é, do contexto.

Tendo *mone* ou *temone* quer dizer: devera, devia de ir, como *asómone, asótemone*. Posto que o *te* sempre se diz com referência a outro, como quem diz: eu deveria de ir e tu não, hoje houvera de ir e ontem não etc. Quer o verbo se preponha ou posponha, sempre um *mo* ou *mone* ou *temone* se há de juntar com a primeira parte, e ficar o outro para o fim, ainda que este último comumente se deixa, mas elegantemente, como *asómo korímo* iria eu hoje, ou *asómo korí ou asómone korímo* ou *korímone asó* ou *asótemone korímo* ou *koritemone asó* ou *asómó*: hoje devera eu de ir, devia de ir; como obrigado, deveria de ir.

Mas para dizer: houvera de ir, mas não fui; não se usa deste tempo, mas por cincunlóquio, a saber: estava para ir, queria ir; usando do indicativo: estando para ir etc.(p.25v) então serve bem o *biã* do imperfeito, como *asó potá biã* queria eu ir mas...; ou *xe só potáreme* querendo eu ir, isto é, como estivesse para ir, que é o futuro do subjuntivo; e outros modos há também que o uso ensinará; também se pode usar

de uma partícula geral que é *só* ou *soé* no fim do verbo, como *asóso* quase que houvera de ir, por pouco que não fui, conjugada por todos os tempos; o mesmo com *asósoé*.

Mais que perfeito do Subjuntivo ou Condicional passado.

Este se usa com *beémo* ou *meémo* no fim do verbo, de duas maneiras: uma desculpando, e assim serve o afirmativo e negativo. Como dizendo a alguém: porque não crês em Deus? Responde: *nda-je-mboé-i-xoé-meémo* eu não teria aprendido (se assim fosse, isto é, se eu não cresse). E onde quer que pode caber o sentido da expressão *se fosse*, se tal acontecesse... se usa de ambos.

A segunda maneira é culpando, como dizendo alguém: tratam-me mal. Respondem-lhe: *nde marãgatú-meémo* tivesses sido tu bom (não te tratariam mal). Neste não se usa do negativo como respondendo-lhe: não tivesses sido tu mau; mas de algum circunlóquio, como dizendo: tu o quiseste, tu queres ser ruim etc. *Meémo* sempre há de ir inteiro com o verbo ou qualquer parte precedente ao verbo, e não quer outro *mo* no fim, como *asómeeémo korí* ou *korímeeémo asó* teria eu ido hoje. Também começa por *mbaé-meémo asó* e não quer dizer mais que *asómeeémo*.

Futuro do Subjuntivo (p.26)

Deste futuro por diante se perdem os prefixos verbais; sua própria significação é a que têm na conjugação. Mas assim como o indicativo com algumas partículas serve pelo subjuntivo, como acima se disse, assim este serve pelo indicativo, sem lhe mudar nada, e quer dizer:*se, quando, como, porque* mato, matava, matei, tinha matado; e facilmente se entende no falar, pelo contexto. Forma-se desta maneira: os acabados por vogal com acento na última fazem *reme*, como *ajuká, jukáreme* eu mato, se ou quando matar...; *nupãneme* se açoitar... (regra do til). Os acabados em vogal com acento na penúltima, acrescentam *me* somente, como *a-kái, káime* eu ardo, quando arder; *xe éu, xe éume* eu arroto, quando eu arrotar. Os acabados em consoante *eme* somente, como *a-s-epiák, sepiákeme* eu o vejo, quando o vir; *a-i-moñáng, moñángeme* eu o faço, quando fizer. Os acabados em *b, m* também podem seguir esta regra, como *a-páb, pábeme* eu acabo, quando acabar: *a-sém, sémeme* eu saio, quando sair. Mais usado é pôr a estes últimos *me* somente, não fazendo caso da última sílaba: *páme, séme*.

Tirando o *reme* ao subjuntivo e pondo-lhe as partículas seguintes em seu lugar, significa: *como se...*; assim *xe só jasoáramonaé* ou *naémo, xe só serãmonaé* ou *naémo, xe só jaramé* ou *jarameté* tudo isso significa: como se eu fora ou fosse.

Para fazer futuro: como se eu houvera ou houvesse de ir, acrescentam-se ao verbo *ráma* ou *uáma* ou *guáma*. Conforme as terminações dos verbos, tirando a última vogal *a*, porque esta terminação *ama* sempre serve (p.26v) de futuro, como abaixo se dirá mais amplamente, como *xe sórama* eu serei ido, *xe sórám jaramé* ou *jarameté*, *xe sóram jasoáramona* ou *serãmonaé*, tudo é o mesmo: como se eu houvesse de ir.

Para o negativo:. *xe só-eýmeté*, *xe só-eým-serãmonaé*, *xe só-eým-laramé*, *xe só-eym-iasoáramonaé*: como se eu não fosse ou fora. O *i* do *ja* se pronuncia como vogal no negativo, precedendo *m*, como *mi*; assim[4] *xe só-eým-laramé* etc. Futuro: *xe sorám-eýmeté*, *xe sorám-eým-lar-amé* como se eu não houvesse de ir.

Também se usa de *reme*, pondo dois verbos: o primeiro na terminação do indicativo e o último na do futuro do subjuntivo, para declarar estas maneiras de falar: estando eu dormindo, quando estiver para morrer, porque estava para comer, conforme a todas as linguagens que este tempo tem, como *a-kér* eu durmo, *a-júb* eu estou deitado; *xe ké xe rúme* (*rúbeme*) estando eu deitado dormindo, quando eu estava deitado a dormir; *xe mbaéú xe réneme* (de *in* estar sentado) estando eu sentado comendo, quando eu estava sentado a comer.

Infinitivo

O infinitivo é propriamente um verbal, significando a ação do verbo, e por isso recebe preposições e o ativo retém sempre seu objeto direto, como *jukâ* matar ou matança, *jukâ resé* por causa do matar, isto é, por causa da matança; *xe jukâ* matar-me, *xe jukâ resé* por causa de matar-me, por causa de minha matança (p.27).

Sua formação faz-se desta maneira: os verbos acabados em vogal com acento na última, tirado o prefixo, ficam formados, como *a-jukâ* eu mato, *jukâ* matar.

Os que têm acento na penúltima ou acabados em consoante acrescentam *a* no fim, tirado o prefixo, como *a-kai* eu ardo, *kaia* arder; *a-i-mongaráu* eu o desconjunto, *mongaráua* desconjuntar; *a-s-epiák* eu o vejo, *epiáka* ver.

O negativo se forma acrescentando *eýma* no fim, tirado o último *a* dos que têm acento na penúltima, como *jukâ-eýma*, *epiák-eýma*, *kái-eýma*.

A construção e uso é o do português com o subjuntivo e a partícula *que*, como: quero que vás *a-i-potá'nde só*, que no tupi soa: quero teu ir, tua ida. Quis que fosses *a-i-potá'nde só águéra* quis teu ir que foi

---

4. Pusemos o exemplo no negativo; o positivo aí parece erro de imprensa: ram por *eim*.

(teu ir passado). Quero que vás de futuro *a-i-potá'nde só áuáma* ou *águáma* quero teu ir que há de ser (teu ir futuro); creio que hás de ir *a-robiá'nde só áuáma* ou *águáma*[5].

Se os verbos, donde se determinam, são neutros, acrescentam preposição, como: folgo que vás *xe rorýb nde só resé* eu folgo com teu ir. E assim dos mais.

Onde a linguagem o permite, também se pode usar da maneira sobredita, como: quero ir *a-i-potá' xe só* que soa: eu quero o meu ir (p.27v).

Outra maneira melhor é compor o verbo pondo o infinitivo no primeiro, como *a-só-potar* eu ir quero; e é um só verbo composto, não se variando mais que o *potár* na conjugação.

De maneira que o infinitivo com preposição coincide com a significação do futuro atrás, como *xe sóreme* porque vou, porque fui, se for; *xe só resé* por causa do meu ir; *xe só águéra resé* por causa do meu ir que foi, por eu ter ido; *xe sóráma resé* porque hei de ir, por eu ter de ir, se houver de ir; *xe sórambuéra resé* porque houvera de ir, por eu outrora ter de ir (mas não fui). E assim nas mais significações que tem o futuro.

O infinitivo com *de* em português não tem voz própria do tupi, mas servem por ele os verbais, em *ába*, que entre outras significações significam: causa, tempo ou lugar de fazer etc. como *jukáb-sába* tempo, causa, lugar de matar, como em português matança.

O infinitivo com *em, a, para* equivale ao gerúndio, do qual se fala abaixo, como *jukábo* matando, a matar, para matar (p.28).

Frases como: digno, formoso, torpe de se ver ou para se ver, se traduzem pelo infinitivo, clara e elegantemente, de diversas maneiras, como *epiáka* ver; *ikátu* bom, digno; *iporáng* belo, formoso; *ipoxy* torpe, feio. Presente: *ikatú sepiáka* bom, digno de se ver; *iporáng ... ipoxy*...Passado: *ikatú sepiák-águéra* bom, digno de ter sido visto... Futuro: *Ikatú sepiák-águáma* bom, digno de haver de ser visto...

Item, usa-se dos verbais de tempo passado em *ára, uéra* nesta forma: em vez de dizer: venho de pescar, se diz: venho de ser pescador *a-jú-je-poraká-sár-uéra* venho de ser pescador que fui; *a-jú-moro-mboé-sár-uéra* venho de ter ensinado; *a-jú-i-mboé-pýr-uéra* venho de ter sido ensinado.

---

5. *Aguera* é contração de *ába puéra*, como *águáma* de *ába ráma*; sobre *ába* se dirá mais adiante.

Formação do Gerúndio

Os verbos acabados em vogal com acento na última acrescentam *bo*, como *juká* matar, *jukábo* matando. Os acabados em *y* ou *u* interpõem *a*, como *aby* faltar, *abyábo* faltando; *ú* comer, *uábo* ou *guábo* comendo; recorre a regra do *g* interposto, como acima ficou dito. Alguns acabados em duas outras vogais juntas também interpõem *a* e *g*, como *aó* injuriar, *aoábo* ou *aoguábo* ; *jepeé* esquentar-se, *jepeeábo* ou *jepeeguábo* esquentando-se; *poó* colher, *pooábo* ou *pooguábo* colhendo; *soó* convidar, *soóabo* ou *sooguábo* convidando. Outros seguem a regra geral do *bo* como *eé* ralar, *eébo* ralando (p.28v); *ó* tapar, *óbo* tapando. Recorre também a regra do til, *m*, *n*, como *manó* morrer, *manómo* morrendo; *nupã* açoitar, *nupãmo* açoitando. Os acabados em vogal com acento na penúltima ou em consoante acrescentam *a*, como *káia* ardendo, *morangáua* deconjuntando, *epiáka* vendo. Os acabados em *ba* mudam-no em *pa*, como *ausúba* amar, *ausúpa* amando. Os acabados em *ra* perdem-no simplesmente, como *potára* querer, *potá* querendo.

Os negativos todos fazem em eýma, formando-se como o infinitivo e do infinitivo, e assim fica a mesma voz, como *juká* matar, *jukáeýma* não matar, não matando; *epiákeýma* não ver, não vendo; *ausúbeýma*, não amar, não amando; *potáreýma* não querer, não querendo.

A razão é porque todos os verbos se podem negar com *eým*, como *a-juká-eým* não mato; e como acabam em consoante, claro está que há de formar o gerúndio acrescentando *a* somente.

Os neutros formam os gerúndios como os ativos no fim do verbo, mas no princípio variam-se com os pronomes de todas as pessoas em vez dos prefixos verbais, deste modo: *a-manó* morro, gerúndio *manómo*; com os pronomes pessoais: *uí-manómo* morrendo eu, *e-manómo* morrendo tu, *o-manómo* morrendo ele ou eles, *oro-manómo* ou *ja-manómo* morrendo nós (excl. e incl.), *pemanómo* morrendo vós.

O ***uí*** da 1ª. pessoa é também *guí*, tocando o *u* líquido, como *guí-manómo* e é monossílabo (p.29).

Os começados por *je* são como passivos e os começados por *poro* são indeterminados e mudam-se em *moro* e assim servem a todas as pessoas e números, só tendo cuidado de mudar o pronome inicial, como *mboé* ensinar, *gui-je-mboébo*, *e-je-mboébo*, *o-je-mboébo*, *oro-je-mboébo* e *ja-je-mboébo*, *pe-je-mboébo* ensinando-me eu, tu, ele ou eles, nós, vós.

Os verbos que não têm prefixos verbais, mas pronomes pessoais, fazem o gerúndio em *amo*, mas no princípio variam-se com seus pronomes; na 3ª. pessoa têm sempre *o*.

Os acabados em vogal com acento na última fazem *ramo*, como *katú-ramo*: sendo bom: *xe katú ramo* sendo eu bom; assim por diante *nde...o...oré...jandé...pe...katúramo* (p.29v).

Os que têm acento na penúltima ou acabados em consoante acrescentam *amo* somente, como *esaráia* esquecer-se, *xe resaráiamo* esquecendo-me eu; *orýba* alegrar-se, *xe rorýbamo* alegrando-me eu. Os nasais acrescentam simplesmente *mo:* atã forte, *xe atãmo* sendo eu forte.

Os negativos como acima, acrescentam *mo* ao *eýma*, como *xe katúeýmamo* não sendo eu bom; *xe resaráieýmamo* não me esquecendo eu; *xe rorýbeýmamo* não me alegrando eu.

Construção do gerúndio na frase: só se usa quando a oração se refere à mesma pessoa agente ou sujeito, como quando se diz: eu falo andando *a-ñeéng uixóbo*, tu falas andando *ere-ñeéng esóbo*. Não se referindo à mesma pessoa, usa-se do futuro do subjuntivo, que tem a significação do gerúndio, como *a-ñeéng nde sóreme* eu falo, andando tu, enquanto tu andas.

Participios ou verbais em ára, ába

Os verbos acabados em vogal com acento na última e em *u* na penúltima, em *r* ou til, fazem *sára, sába,* como *jukására, jukásába* o matador, a matança; *mongaráusára, mongaráusába* o desconcertante, o desconcerto; *nupãsára, nupãsába* o açoitador, a açoitada; *mombosára, mombosába* o lançador, a lançada. Estes podem perder elegantemente o *s*, como *abysára, abyára* o faltoso; *abysába, abyába* a falta; com contração do *ya* (p.30)[6].

Os que tem *a* antes do *s* não perdem o *s* ao menos no *sára*, como *jukasára*: no *sába* pode-se perder todo o *sa*, como *jukasába, jukába*; principalmente no passado e futuro podem perder o *s* e coincidir com o infinitivo, como *jukaságuéra, jukaáguéra* matança passada e ter matado, no futuro *jukasáuáma, jukaáuáma* (ou *guáma*) matança futura e haver de matar.

Os acabados em *r* não perdem o *s* no presente, principalmente tendo *a* antes do *s*, como *a-i-potar, potasára, potasába* eu o quero, o que quer, o querer.

Tendo qualquer das outras vogais antes do *s*, bem se poderia deixar o *s*, quando não coincidisse com outros de diversa significação, como *a-i-mombór* eu o lanço, *mombosára e momboára* o lançador, *mombosába e momboába* a lançada, o lanço.

---

6. O texto original traz o nº da fl. 29 repetido, por erro de imprensa.

No passado e no futuro podem tomar *r* em lugar de *s*, como *potásaguéra* e *potáruéra* o que quis, *potásauáma* e *potárauáma* o que há de querer.

Os que têm *é* antes do *s*, é comum não perderem o *s* no *sára* do presente, como *moingesára* o que faz entrar, ainda que em algum lugar se possa usar *moingeára*. No passado e futuro sim, como *moingésáruéra* e *moingeáruéra*, *moingearáma* o que fez entrar, o que fará entrar.

No *sába* não somente se pode perder o *s*, mas às vezes todo o *sa*, como *tekobesába*, *tekobéba* vida; *sykyjesába*, *sykyjéba* temor, causa de temor.

Os acabados em vogal com acento na penúltima fazem *tára*, *tába*, como *a-jo-pói* eu o alimento, *poitára* o alimentador, *poitába* a alimentação, o alimento.

No passado e futuro podem perder o *t*, como *poiaruéra* o que alimentou, *poiaráma* o que alimentará etc.

Os acabados em consoante formam acrescentando *ra*, *ba* além do gerúndio, como *a-s-epiák* eu o vejo, *epiáka* vendo, *epiakára* o que vê, *epiakába* a vista, visão; *a-s-ausúb* eu o amo, *ausúpa* amando, *ausupára* o que ama, *ausupába* amor.

Particípio em -bae (p.30v)[7]

Em lugar destes verbais em *ára* servem as terceiras pessoas dos verbos de um e outro número com *bae* no fim, no afirmativo, como *ojukábae* o que mata; é o mesmo que *jukasára*; e no negativo forma-se com a partícula *eým*, como *ojukáeýmbae* o que não mata; é o mesmo que *jukasáreýma*.

Os neutros, ainda que possam ter verbais em *ára*, mais usam destes, como *osóbae*, o que vai, melhor do que *sosára*.

Este *bae* equivale ao relativo português *que*, *quem*; nenhuma mudança se faz nele. Na construção da frase, sempre o sujeito se pospõe a ele, principalmente quando é predicativo, complemento de *sou, és, é...*, como *ojukábae ixé* eu sou o que mato, e é o mesmo que *jukására ixé*. Se o sujeito se prepuser, há de se fazer nele alguma detença na pronunciação, *ixé, osóbae* eu sou o que vou. Sobre isso mais largamente se dirá abaixo, na regra do predicativo (sou, és, é...). Não se incluindo o predicativo, melhor se prepõe o sujeito, como *ixé ojukábae* eu que mato, *endé ojukábae* tu que matas, *Pedro osóbae* Pedro que vai, foi.

---

7. Cf. nota 6.

Para a construção dele com objeto direto, usa-se dele como do verbal *ára*, prepondo-lho sempre na terceira pessoa, como *Pedro ojukábae* o que matou a Pedro, que tanto monta como *Pedro jukasára* matador de Pedro. Sendo a primeira e segunda pessoa objeto direto, não se usa de *bae*, mas do particípio ou verbal, como *xe jukasára* o que me mata, *nde jukasára* o que te mata etc.(p.31).

Nos verbos acabados em consoante interpõe-se *i* por causa do encontro de consoantes, como acima se disse: assim *a-s-epiák* eu o vejo, *o-s-epiák-i-bae* o que o vê; *a-s-ausúb* eu o amo, *o-s-ausúb-i-bae* o que o ama; *a-sem* eu saio, *o-sém-i-bae* o que sai. Posto que nestes de *b* e *m*, o mais usado é *o-s-ausú'-bae, o -sém-bae*, porque *mb* se encontram bem.

Particípio bóra

Também, em lugar de *sára*, servem uns acabados em *bóra*, que comumente se usam nos neutros e feitos de nomes também, como *a-kañém* eu fujo, *kañembára* o que foge, *kañembóra* o fujão; *xe maraár* estou doente, *maraabóra* o muito doente; *miraíba* doença de bexigas, *miraibóra* o muito doente delas; *miã* boubas, *miãbóra* o muito cheio delas; *ambyasý* fome, *ambyasybóra* faminto; *uséia* ter sede, *useibóra* sedento. Guardem-se as regras da composição.

A diferença que há entre *bóra* e os outros verbais é que os verbais mais significam atos, e *bóra* mais significa hábito, costume, mais tempo, como *kañembára* o que fugiu, ainda que não seja mais que uma vez; *kañembóra* o que anda fugido ou tem costume de fugir; posto que às vezes se confundem. Porque também os verbais em **ára**, respeito de *bae*, significam mais ofício, saber fazer etc.; assim *moñangára* fazedor (p.31v) *o-i-moñang-i-bae* o que faz alguma coisa, ou, está fazendo, ainda que não seja mais que uma vez; isto, principalmente no presente.

Estes nomes de *bóra* formam-se do verbo *i-pór*, que significa estar alguma coisa dentro doutra e assim *maraabóra* significa homem que está dentro da doença. Geralmente hão de ter *bóra*, posto que alguns se achem com *póra* também, como *mbaé-asy-póra* e *bóra* o que sofre; muruá *póra* e *bóra* a que está prenhe.

Quando significa alguma coisa que está dentro, ou se põem os nomes precedentes inteiros e *póra* no fim, como *kamusý póra* cheio de vasos, *óka póra* cheio de casas, *káma póra* cheio de seios, ou, se se compõem, guardam as regras da composição *(m,n,* til), como *ñũbóra* cheio de campos, *ópóra* cheio de casa, *kámbóra* cheio de seios etc. *Paranãbóra* sempre significa coisas que se criam no mar, como peixe, marisco; à diferença destas se diz *paranã póra* qualquer coisa que está no mar, como pau, pedra etc.

Também significa este *póra* sinal de pancada, conforme ao instrumento com que se deu, como *kysé póra* cutilada de faca, *jyapá póra* de foice, *itangapebóra* de espada etc. e conforme a isto, também significa toda a coisa ganhada com semelhantes instrumentos ou com a mão, como *pindá póra* peixe tomado com anzol, *jyapá póra* coisa ganhada ou feita com a foice, como o mantimento que nasceu disso etc.; *xe pó póra* coisa ganhada por minha mão, *itangapéma póra* coisa ganhada com a espada, ainda que seja homem. Sempre se guardam as regras da composição, se o quiserem compor, como em todos os mais; assim *jyapápóra, mína póra* faz *mimbóra* golpe com a lança. Mas o uso será o melhor mestre (p.32).

Dos verbais passivos ou particípios em pýra, mi, ába

Os acabados em vogal fazem pýra, como *i-juká-pýra* o matado; os acabados em consoante metem *i* antes de *pýra*, por causa do encontro de consoantes, como *s-ausúb-i-pýra* o amado; lembre-se do *m, n*, til, como *i-nupã-býra* o açoitado. Uns têm *i* no princípio, outros *s*, como aparece nestes exemplos, o qual nunca se lhe aparta.

Os de *mi* não têm mais que pôr *mi* antes do infinitivo, *mi-juká* o matado, *mi-moñánga* o feito; na 3ª. pessoa têm como pronome *se* inteiro *se mi-ú* a comida dele (p. 32v).

Os verbais em *ába* dos neutros servem também pelos passivos *pýra* e *mi*, como *Maenduasába* coisa lembrada, de que nos lembramos; *tesaraitába* coisa esquecida, dada ao esquecimento.

Nos mesmos verbos ativos, interposto objeto direto, como abaixo, que contudo ficam ativos, se usa do verbal em *ába* pelos de *pýra* e *mi*, como *meénga* dar, *kó* roça, *xe-kó-meengába* roça dada a mim; *Pedro ko-meengába* roça dada a Pedro (p.33).

E posto que tenham verbais em *pýra* e *mi*, têm muito diferente significação, porque então fica o que recebe por pessoa paciente, como *dado*; assim *i-kó-meéng-i-býra* presenteado com a roça por ele; *xe re-mi-kó-meénga* presenteado com a roça por mim.

Disto se usa segundo as significações diferentes dos verbos que permitirão ou não esta maneira de construção e composição, como o uso o ensinará.

Estes verbais em *ába*, assim nos ativos como nos neutros, tirada a última sílaba e com a preposição *pe* têm a mesma significação que o futuro do subjuntivo ou gerúndio, como *jukasába, xe jukasápe* é o

mesmo que *xe jukáreme, xe jukábo*, isto é, quando me matarem ou mataram, matando-me.[8]

Verbais dos neutros

Em todos os neutros, além de poderem ter verbais em *ára e bae*, como acima *maraására*, *i-maraár-i-bae* o que está enfermo etc; os infinitivos também servem de verbais em *ára*, *kañéma* fugir, *abá kañéma* homem fugido; *ñemboé* ser ensinado ou aprender, *kunumiñemboé* menino que aprende ou se ensina; *porapitĺ* matar gente, *abá porapitĺ* homem matador; (p.32v) *kunumi juká* matar meninos, *abá kunumĺ juká* homem mata meninos.

Pondo a estes *mbaé* que quer dizer *coisa*, em lugar de *abá*, que quer dizer *pessoa*, diz o mesmo com mais força, como apodando, injuriando; assim *abá mondá* homem ladrão, *mbaé mondá* é o mesmo; *abá porú* comedor de carne humana, *mbaé porú* o mesmo; *abá juruápe* boquitorto, *mbaé juruápe* o mesmo.

Ainda que estes no presente do infinitivo são os mesmos que os verbais em *ára*, contudo na formação dos passados e futuros se diferenciam, ao menos no passado; porque, sendo nome, formam o passado e futuro como nomes, como logo se verá; e o infinitivo forma-os como na conjugação, com a exceção posta acima, fol.27; assim *ñemboé* aprender; passado *ñemboéaguéra* ter aprendido; futuro *ñemboéauáma* haver de aprender. Como nome porém, *ñemboé* o que aprende faz no passado *ñemboé puéra*, no futuro *ñemboé ráma* etc.

Verbo Negativo (p.34)

O verbo negativo se faz pondo *i* no fim do afirmativo e *nda* ou *na* no princípio, o qual, se encontra com vogal, perde o *a*; se encontra com consoante fica inteiro, como *nda-pe-juká-i* não matais; *nda-xe-rorýb* não me alegro (p.34v).

Nos acabados em *b* se pode deixar de pronunciar o *b* às vezes, como *a-s-endúb*, eu o ouço, *nd-a-s-endú-i* não o ouço. E no afirmativo também, com a regra do advérbio, da qual falaremos abaixo, e ainda em alguns se usa mais elegantemente, como *ikuái* passa, em vez de *kuábi; túi* está, em vez de *túbi*.

Também se pode negar os verbos com *eým* somente no fim, como *a-juká-eým* eu não mato; e daqui vem que os tempos, que não têm prefixo, todos se negam com eým, como *jukáeýme, jukáeyma*, e com a regra do advérbio *jukáeými* (conjunção subordinada).

---

8. O parágrafo dos pretéritos e futuro dos nomes foi transposto para o final dos nomes cap. IV.

Mas nos tempos que têm prefixo, em poucos verbos, se usa esta maneira de negação; porém nos verbos que não têm prefixo há algum uso mais, como *xe porerobiár*, eu creio nos outros, *nda-xe-porerobiár-i* eu não creio nos outros ou *xe porerobiár-eým; xe tekó-kuáb-eým* eu não entendo,ou *nda-xe-tekó-kuáb-i*.

Pondo-lhe ambas as negações, isto é, *nda* no princípio e *eým-i* no fim, é muito usado e elegante, e fazem uma afirmação, como *a-i-potár* eu o quero, *nd-a-i-potár-eým-i* eu não deixo de o querer, isto é, eu quero; e estes se conjugam conforme ao negativo, como é claro, assim *nd-a-i-potár-eým-i-xoé-ne* eu não deixarei de o querer; *e-i-potár-eým-umé* tu não deixes de o querer.

Mas nos tempos que não têm prefixo, se põe *nda* no princípio e *ruã* dissílabo no fim, como o futuro negativo de *a-i-potár* é *i-potár-eýme* porque não quer, se não quiser. Mas seu negativo não é *nd-i-potár-eým-i*, mas *nd-i-potár-eým ruã* não porque não queira; *nd-i-potár-eýma* ruã, infinitivo ou gerúndio, não não querendo, não deixando de querer (p.35).

Com estes verbos de duas negações se faz um modo de falar que quer dizer: faço ou finjo que não; acrescentando *aúb-i* no fim, como *nd-a-i-potár-eým-aúb-i* eu faço que não o quero.

O afirmativo deste se faz repetindo o verbo, como *a-só-a-só-aúb* eu finjo que vou; *a-rasó-rasó-aúb* eu finjo que levo. Repetindo duas vezes o *aúb*, significa desejar, como *a-só aú-aúb* eu desejo de ir; ainda que este advérbio *korí* se diz de ambos os modos, como *korí korí aúb*, ou *korí aú-aúb* oxalá; não tendo mais que um, o *aúb* significa: fracamente, sem efeito, como *asausúbaúb* amo-o fracamente, sem efeito, em vão ou sem haver de fundir nada, etc. o uso ensinará.

Verbo Passivo

Passivos propriamente são os dois verbais *pýra* e *mi*, como na conjugação.

Também se põe *je* entre o prefixo e o verbo, e fica neutro, propriamente reflexivo em si mesmo, como *a-jukâ* eu mato, *a-je-jukâ* eu me mato.

Também podem ter significação passiva ao menos aqueles cuja ação se pode fazer pela pessoa agente, como *a-ú* eu como, *a-je-ú* eu me como, que afinal vem a significar: eu sou comida, como se usa na terceira pessoa *o-je-ú* é comida, é comestível; *a-s-endúb* eu o ouço; da campa se diz *o-j-endúb* é ouvida; *a-i-moñáng* eu o faço, *a-je-moñáng* eu sou feito.

Se têm *ukár* no fim, todos podem ter significação passiva, como *a-je-jukâ-ukár* eu me faço matar ou me deixo matar... Estes, como são

neutros, se podem tornar a fazer ativos; disso e da variação que faz em alguns verbos, se dirá abaixo (p.35v)

Recíproco mútuo

O recíproco mútuo se faz pondo *jo, como oro-jo-juká* nós nos matamos mutuamente. Os verbos começados por *jo* não aceitam o *jo* recíproco, salvo se se usar nos tempos que não têm prefixo, em que perdem o *jo* natural e fica-lhes por recíproco, como *a-jo-pói* eu o alimento; seu gerúndio *póia* pode fazer *o-jo-póia* eles alimentando-se mutuamente.

Também se usa este *jo* em passivo indeterminado, não tendo complemento antes de si, como *a-i-nupã* eu o açoito, *jo-nupã* açoitar-se mutuamente. Também se diz: ser açoitado ou receber açoites, como *angaipába o-i-porará jo-nupã* os maus sofrem ser açoitados.

Interrogativo

Se se interroga, há de pôr-se a interrogação expressa que é *pe* em alguma parte da oração, salvo se se deixa, porque no tom da fala se entende que perguntam. O verbo pois conjuga-se com ela no fim, deste modo *a-juká-pe* eu mato?; *a-juká-pe-ne* eu matarei? e assim nos mais tempos que aceitam interrogação.

No negativo: *nd-a-juká-i-pe* eu não mato?; *nd-a-juká-i-xoé-pe-ne?* eu não matarei?; *nd-a-juká-i-xó-mo-pe?* ou *nd-a-juká-i-xó-pe-mo?* eu não mataria? (p.36).

Se têm algumas partes do verbo , quer seja uma quer sejam muitas que não aceitam estarem apartadas, logo com elas se põe a interrogação, com *xe-pe ajuká?* sou eu que mato?; *xe rúba-pe o-só* meu pai é que foi?; *xe-rúba supé-pe ere-só?* em busca de meu pai vais?

Nos tempos que não têm prefixo verbal, sempre se pospõe, porque necessariamente há de estar o sujeito ou objeto direto imediatamente antes do verbo, como *xe-sóreme-pe* quando eu for?; *xe jukábo-pe* matando a mim?; *xe juká-sára-pe* o meu matador?

É por esta causa, quando na construção se perde o prefixo, se há de tornar a repetir o objeto direto, como *ixé-pe xe juká?* a mim me matam? *ndé-pe nde juká* a ti te matam?

Soi-se pôr *te* antes do *pe*, que significa *pois, mas* simplesmente ou quase negando, como *abá-té-pe só* pois quem foi?; *a-só-té-pe ixé* como? fui eu?; como se dissesse: não. Às vezes é dubitativo, com *o-só ruã-té-pe?* ele foi, ou, iria por ventura? às vezes, admirativo, como *o-só-té-pe rasé* de que maneira foi a gente?

Cap. VIII: Construção dos Verbos Ativos (p.36)

Sendo a terceira pessoa objeto direto, fala-se diretamente pelos prefixos sem nenhuma mudança, como *a-i-juká Pedro* eu mato a Pedro; *ere-i-juká, o-i-juká, oro-i-juká, ja-i-juká, pe-i-juká Pedro*. Sempre Pedro é o objeto direto, porque não se perdem os prefixos e está claro p.36v.

Sendo a terceira pessoa sujeito e objeto direto, ainda que possa haver alguma anfibiologia, contudo, pela matéria que se trata, comumente fica claro, como de coisa animada (p.36) com inanimada, ou de maior qualidade com menor; assim, Pedro come pão, bebe, planta, derruba árvores etc; claro está que Pedro há de ser sujeito, de qualquer maneira que se ponha, como *Pedro o-ú miapé* Pedro come pão, *Pedro miapé o-ú, miapé Pedro o-ú, o-ú Pedro miapé;* e por aqui se entende o mais: *Pedro pirá o-ú* Pedro come peixe; *Pedro jaguára o-juká* Pedro matou a onça.

Quando há igualdade, então é a dúvida, como Pedro matou a João, *Pedro João o-juká*, porque ambos podem ser sujeitos e objetos diretos. Mas, quando na prática não se declara bem, usa-se dos particípios *ára, pýra*, como dizendo: Pedro foi o matador, João o morto: *Pedro iju-ká-sára, João i-juká-pýra*.

Quando as coisas de menor valia são sujeitos, usa-se da primeira do plural *ja*, como *xe rúba tobajára ja-ú* os contrários comeram meu pai; *mbóia Pedro ja-i-xuú* a cobra mordeu a Pedro; *Pedro taýra ja-i-nupã* o filho açoitou a Pedro (seu pai).

Ainda que também se pode usar deste *ja*, quando o sujeito é de maior estima, segundo a matéria tratada, como *morubixába mondá ja-i-nambí-ók-ukár* o juiz mandou desorelhar o ladrão.

Também se usa desta primeira plural por terceira indeterminadamente, como *ja-juká* matam, sem ter sujeito expresso.

Em toda a mais construção, sendo qualquer das outras pessoas objeto direto, se perde o prefixo, o objeto direto (p.37) se há de pôr à parte, antes imediatamente do verbo, como *xe juká Pedro* a mim Pedro matou; *nde juká, i-juká, oré juká, jandé juká, pe juká* a ti, a ele, a eles, a nós (excl.) a nós (incl.), a vós Pedro matou.

Sempre que a primeira ou segunda pessoa é objeto direto, o sujeito ponha-se antes ou depois à vontade, porque o objeto direto, sempre imediato ao verbo, fica claro; mesmo se se interpõe algo, repete-se para que fique imediato; assim *xe-pe xe juká* a mim me matam? *nde korí nde juká-ne* a ti hoje te matarão. Ou repete-se o pronome relativo, se for na terceira pessoa, como *xe Pedro jukáreme* se eu matar a Pedro; *Pedro xe i-jukáreme é* o mesmo porque tem o *i* relativo, repetindo-

-se o objeto direto Pedro; *xe Pedro r-ausúme* porque amo a Pedro, *Pedro xe s-ausúme*, o mesmo, repetido o objeto direto pelo s relativo.

Sendo a primeira pessoa sujeito e a segunda objeto direto, usa-se dos prefixos *oro* e *opo*, como acima se disse: *xe oro-juká* eu te mato, *xe opo-juká* eu vos mato.

Sendo a segunda pessoa sujeito e a primeira objeto direto, acrescenta-se no fim *jepé* no singular, *pejepé* no plural, como *xe juká jepé* mata-me tu, *xe juká pejepé* matai-me vós, *oré juká jepé* mata-nos tu, *oré juká pejepé* matai-nos vós; com valor de imperativo.

E ainda que não se ponha expresso o sujeito da primeira nem segunda, fica claro, porque *oro, opo, jepé, pejepé* não podem servir em outra construção (p.37v).

A segunda pessoa do plural com a terceira de um e outro número fazem a oração ambígua, porque *pe* é prefixo da segunda plural e é também objeto direto do pronome, e assim ambos podem ser sujeitos e objetos diretos, como *pe juká Pedro* vós matais a Pedro, e Pedro mata a vós; mas a matéria que se trata e o tom da fala ensinará isto com o uso.

Cap.IX: Como Evitar Anfibologias na Construção dos Verbos (p.37v)

Os verbos ativos têm como objeto direto os pronomes *s, i (iñ), je (ñe), jo (ño)* e como sujeito os prefixos *a, ere, o, oro, ja, pe;* assim *a-s-epiák* eu o vejo, *per-s-epiák Pedro* vós vedes a Pedro; *a-i-nupã* eu o açoito, *pe-i-nupã* vós o açoitais; *ere-iñ-ybõ* tu o flechas; *oro-jo-pysyk* nós nos seguramos,*o-ño-nupã* eles se açoitam.

Se perdem o prefixo, o que era sujeito se torna objeto , como *a-i-nupã* ei o açoito, *xe nupã* ele me açoita; neste caso os verbos começados por vogal recebem *r,* como *epiáka* ver, *xe repiák* ele me vê.

Não tendo expresso o prefixo, fica o *s* por relativo, como se disse dos nomes atrás, como *s-epiákme* se o vir. Este relativo nunca se aparta do verbo, se não estiver o objeto direto imediato, ainda que expresso, como *Pedro xe-s-epiákme,* como acima: se eu vir a Pedro (p.38).

Onde quer que estes verbos tiverem *i* ou *o* antes do *s,* não havendo prefixo, como dito é, perde o *s,* como *mi-epiák* visto, *oro-epiák* eu vejo-te, *o-epiákme* se o vir, *ojo-epiák* eles se vêem mutuamente, *o-poro-epiák* ele vê gente, e feito reflexivo *a-je-epiák* eu me vejo, incorporado o objeto direto indeterminado *a-tobá-epiák* eu vejo rosto de gente.

No verbal em pýra sempre se guarda o *s*, e serve em todas as pessoas, como *s-epiák-i-pýra ixé* eu sou o visto, *s-epiák-i-pýra endé* tu és o visto...

Neutros que têm s ou i

Os neutros que não têm prefixo, começados por vogal, tendo sujeito expresso imediato ao verbo, fazem a mesma mudança que os ativos de objeto direto, como *s-oryb* alegra-se ele, *xe roryb* eu me alegro, *nde roryb* tu te alegras...

Tendo *o* antes da vogal, perdem o *s*, como *o-orýme* se ele se alegra, *o-orýba* alegrar-se; ou *og-orýme, og-orýba*, como regra a cima sobre o *g*.

Os neutros que têm prefixo, precedendo *i* mudam o *s* em *x*, como *i-xéme* se ele sair, *i-xéma* ele sair, no gerúndio *uí xéma* eu saindo (p.38v).

Repete-se o *i*, como se disse do *e*, quando o sujeito não está imediato ao verbo, como *korí Pedro séme. Pedro korí i-xéme* se hoje Pedro sair.

Verbos começados por r, no

Os verbos começados por *r, no* sempre acrescentam *re*, onde quer que não houver prefixo, tendo objeto direto expresso, como *a-rasó* eu levo, *xe rerasó* me levam.

Não tendo objeto direto expresso imediato ao verbo, toma *se* por *re*, e no verbal em *pyra*, o qual serve sempre de relativo, como se disse nos começados por vogal, como *se-rasóreme* se o levar, *se-rasó* levá-lo, *se-rasóbo* levando-o, *se-rasó-pýra* levado.

Onde quer que tiver *i* ou *o*, quer seja prefixo quer não, não se acrescenta mais que *e*, como *mi-e-rasó* levado, *a-rasó* eu levo, *ere-rasó* tu levas, *o-e-rasó* ele leva, ou, *ogo-erasó* (regra do *og*), *o-jo-e-rasó* eles se levam mutuamente, *a -poro-e-rasó* eu levo gente. No reflexivo *a-je-e-rasó* eu me levo, *a-mbaé-e-rasó* eu levo coisas.

Verbos ativos com i-x

Os que têm por objeto direto *i* seguido de *x* mudam este em *s*, onde quer que se perder o prefixo, como *a-i-xuú* eu o mordo, *xe suú* ele me morde, *nde suú* ele te morde; e onde quer que tiver *o* antes, não sendo prefixo, como *oro-suú* eu te mordo, *opo-suú* eu vos mordo, *o-suúreme* se ele morder, *o-jo-suú* eles se mordem mutuamente; incorporando objeto direto, como *a-mbaé suú* eu mordo coisas, e o reflexivo *a-je-suú* eu me mordo. Em todo o mais sempre guarda *i-x*, e o *i* é relativo. No verbal *mi* tem *x* ou *nd*, como acima *mixuú, minduú* mordido.

Verbos ativos em i, jo (p.39)

Os verbos que têm por objeto direto *i, jo*, sempre os perdem onde se perde o prefixo e fica com o o objeto direto expresso imediato ao verbo, como *a-jo-tým* eu o planto, *xe tým* me plantam; *a-i-kuáb* eu o conheço, *xe kuáb* me conhecem.

Item, nos reflexivos, nos tornados indeterminados, nos recíprocos e nos objetos diretos incorporados, como *a-je-kuáb* eu me conheço, *o-jo-kuáb* eles se conhecem mutuamente; *a-je-tym* eu me enterro, *a-poro-tým* eu enterro gente; *a-mbaé-tým* eu enterro coisas; e na terceira pessoa com prefixo se perde o *jo* ou *ño* elegantemente *o-jo-tým, o-tým*, como acima..

Exceções: *a-irumõ* eu aumento, *a-irarõ* eu irrito, *a-ytarõ* eu farto, nunca perdem o *i, y*, nem acrescentam outro por relativo, como *xe irumõ* ele me aumenta, *xe irarõ* ele me irrita, *xe irarõneme*, se me irritar. A-ytarõ, ainda que é ativo, se compõe com mo e significa o mesmo, como *a-mo-ytarõ* eu farto.

Tirando os de *s, ro, no*, como acima, em todos os mais verbos de qualquer sorte que sejam, serve *i* de relativo, o qual é sujeito nos neutros e objeto direto nos ativos, e nunca se aparta do verbo, senão estiver o objeto direto expresso imediato ao verbo, como acima.

Oração subordinada com advérbio i, u, no fim

Este pronome relativo, quer seja sujeito quer seja objeto direto, nunca se exprime nos tempos que têm prefixos, porque neles é entendido, como *a-rekó* eu o tenho, *ere-rekó* tu o tens (p. 39v). Mas tendo advérbio, preposição, gerúndio, alguma oração antes, a que há de responder outra, se usa dele fazendo no princípio dos verbos sobreditos de *s, i, r, i-x, jo*, as mudanças de letras declaradas. Porque neste modo de falar sempre se perde o prefixo, e no cabo dos verbos, de qualquer sorte que sejam, acabados em vogal com acento na última, acrescenta-se *u*, e nos acabados em consoante *i*, como: *a-só* eu vou, *koromó xe sóu* logo eu vou...; *a-kañém* eu fujo, *koromó xe kañémi* logo eu fujo; *a-jukâ* eu mato, *koromó xe jukáu* hoje ele me mata, *korí Pedro oré jukáu* hoje Pedro nos mata, *korí i jukáu* hoje ele o matou; *a-s-epiák* eu o vejo, *koromó s-epiáki* logo ele o vê, *xe repiáki* me vê etc.

Sendo a primeira pessoa sujeito, há de pôr-se expressa, como *korí xe sóu, oré sóu* hoje eu vou, nós vamos, porque como a pessoa do verbo é propriamente terceira, dela se entenderá somente. Não se exprimindo a primeira pessoa fala-se regularmente pelos prefixos, como *koromó asó, orosó, jasó* logo eu vou, nós vamos. Sendo a segunda sujeito, não se faz esta mudança do advérbio, mas sempre se fala diretamente pelos prefixos, como *koríeresó* hoje vais, *pesó* ides. Se o sujeito da terceira pessoa se põe expresso antes do advérbio, melhor se usa dos prefixos, como *abápe ojéi osó*.

Nos acabados em vogal com acento na penúltima, nada se põe no cabo, como *a-kái* eu ardo, *koromó xe kái* logo eu ardo; *koromó i mongaráu* logo ele se desconcerta.

No negativo se acrescenta *eým*, depois da última letra do verbo, ou, melhor dizendo, usa-se da negação *eým* e, como se acaba em consoante, acrescenta-se *i* no fim, como *a-juká* eu mato, *a-juká-eým* eu não mato, *korí a-juká-eým-i* hoje eu não mato (p.40).

Varia-se pelos outros tempos conforme a conjugação afirmativa, com *ne, mã, mo*, como *jukáune* matará, *jukáu mã* oxalá mate, *jukáu-mo* se matar; e no negativo *juká-eými-ne* não matará, *juká-eými mã* oxalá não mate, *juká-eými-mo* se não matar.

Os verbos que não têm prefixos fazem no fim *amo*, conforme a formação do seu gerúndio, como *xe katú* eu sou bom, *koromó xe katúramo* logo sendo eu bom; *xe katúeýmamo*, não sendo eu bom; *xe rorýb* eu me alegro, *koromó xe rorýbamo* logo me alegrando, *xe rorýbeýmamo* não me alegrando.

Exceção: *x-eõ* faz como os que têm prefixo; assim *s-eõ* ele morre, *koromó s-eõu* logo ele morre, *xe reõu* logo eu morro.

A construção dos neutros é ao tom dos advérbios e preposições em todas as pessoas, como *a-ñeéng Pedro supé* eu falo a Pedro; *a-iúr óka suí* eu venho de casa; *a-só-ókupe* eu vou a casa. E por isso se porão logo difusamente as preposições, porque nelas está muita parte do bom desta língua.

Cap. X: Preposições (p.40)

As preposições são preposições, porque sempre se pospõem aos nomes: são estas geralmente

Ramo, amo como, por (enclítica)
pe em, a, para, em busca de (enclítica)
bo em, por, através de (enclítica)
supé a, para, por (não muda *s* em *r*)
suí de, além de, dentre (não muda *s* em *r*)
sosé sobre, acima de (não muda *s* em *r*)
t-obaké, s-obaké diante de, em frente de, na presença de
janondé, t-enondé, s-enondé antes de, antes que (tempo) (p.40v)
supí por, através de, conforme, segundo (perde o *s*)
koty para (lugar) ao lado de

sesé e *rí* com, por causa de, em lugar de, em, a (*s-esé* perde o *s*)
porupí ao longo de
posé, mosé com (em companhia de) num mesmo leito
pupé com (instrumento), em, entre, com (companhia)
pabẽ́ com (companhia)
ndí com (companhia)
já, jabé, jabé-ñé, ja-katú, ja-katú-ñé como, segundo, igualmente, tanto quanto *taté, taté-ñé* diferente de; por exemplo, *aimeéng mbaé xe rúba tatéñé* dei minhas coisas a outro diferente de meu pai; *guyrá taté uúba sóu* a flecha foi afastada do pássaro.

Anotações sobre as preposições: pupé

Pupé: pondo-lhe *i* relativo, além de sua própria significação, quer também dizer: junto com isto foi tal e tal; como dizer: dentro disto que se trata. Também significa: com, desta maneira: *a-ár nde pupé* embarco-me contigo, isto é, em tua embarcação. Quer dizer *em*, como *a-á' nde pupé* caio em ti, em teus costumes. Também, juntando umas coisas com outras, como *a-rasó nde mbaé xe mbaé pupé* levo tuas coisas com as minhas; e assim também significa *entre*.

Preposição i em

Esta serve para partes de lugar, como debaixo, de cima, ao longo, e algumas partes do corpo, como: no pescoço, na cerviz (p.41).

Os que têm acento na última, com ela ficam inteiros e, nos que se usa, são geralmente estes: *kuái* na cintura, *amýi* ou *ambýi* na ilharga (como trazendo alguma coisa debaixo do braço, ou quando está uma coisa junto doutra, como casa, vila etc.; daí *amýi-óka, amýi-ndába*, casa ou vila), *atuái* na cerviz, *pitái* no calcanhar, *añái* (como *apý añái* no cabo ou punho da rede, *uúba añái* no pé da flecha).

Os que têm acento na penúltima perdem a última letra, como *ajúra* pescoço, *ajúri* no pescoço; *guýra* parte inferior, *guýri* embaixo; *ára* parte superior, *ári* em cima; *pýra* parte próxima, *pýri* perto; *ibýra* parte ao longo, *ibýri* ao longo; *t-akypuéra* parte posterior, *t-a-kypuéri* atrás; *apýra* cume, *apýri* no cume. (Também quer dizer o alto da cerviz, e estar uma coisa atrás doutra, como nas ancas dum cavalo, numa jangada, um dia atrás doutro); *apytéra* vértice ou meio, centro, *apytéri* no vértice; *pytéra* meio, *pytéri* no meio.

As que já tem *i* antes do último *a*, basta-lhes o *i* que já têm, tirado o *a*, como *s-obáia* a banda dalém, *s-obái* na banda dalém; *s-eséia* a fronteira, *s-eséi* em fronte; *aséia* as costas, *aséi* às costas.

Guýra tem *guýri* e *guýripe*, mas esta significa lugar, como *itá guýripe* debaixo da pedra; (p.41v) *guýri* significa *menos*, comparativamente, ou *abaixo de*, como *xe guýri* abaixo de mim, mais pequeno que eu.

Apýra, apytéra, pytéra, takypuéra também recebem *pe*, como *apýripe, apytéripe; xe rakypuéripe* atrás de mim.

Kuái atuái, pitai, em vez de *i* também recebem *pe*: *kuápe, atuápe, pitápe*; mas estes dois últimos não somente querem dizer *em* de lugar, mas também de tempo, como *xe atuái túri* veio na minha cerviz, isto é, atrás de mim, como dizemos, nas minhas costas; *xe pitái túri* veio no meu calcanhar, isto é, detrás de mim, e acrescentando *bé*, quer dizer *logo atrás*, como *xe atuái-bé, xe pitái-bé, aé-ibé* logo nesse ponto; fica *ibé* por preposição de *aé* que é pronome: no mesmo ou nele.

Preposição ramo, amo

Ramo significa *como*, neste modo de falar, quando dizemos: sou para ti como pai: *a-ikó nde rúbamo; a-ikó abáramo* sou como homem, sou homem, que em português soa *por*, como: tenho-te por filho, por pai: *oro-goe-rekó xe raýramo, xe rúbamo.*

Nos nomes que têm acento na última põe-se *ramo*, como *abá, abáramo* homem. Lembre-se a regra de *m, n*, til (*Tupã, Tupãnamo*).

Nos nomes que o têm na penúltima completa-se com *mo*, como *túba, túbamo* pai.

Estes nomes, como têm em si preposição, servem para a regra do advérbio, com o qual, e em todos os tempos que não têm prefixo, sempre se prepõe, como *nde rúbamo xe rekóu* sou como teu pai, *ogúbamo xe rekóreme* se por seu pai me tenho. Nos tempos que têm prefixo, ainda que o percam, na construção põe-se indiferentemente: *aikó abáramo, abáramo aikó* eu sou como homem; *orogoerekó xe rerúbamo, xe rerúbamo orogoekó* eu te tenho como meu pai.

Preposição pe (p.42)

Pe, com nomes em *ba*, com acento na penúltima, faz perder toda a última sílaba, como *tába* aldeia, *tápe* na aldeia.

Todos os mais que têm acento na penúltima mudam *a* em *y* (*u,e*), como *óka, ókype* ou *ókupe* em casa; *ánga, ángeme* na alma, no íntimo.

Os acabados em *ma* mudam somente o *a* em *e*, como *tetáma, teláme* no país.

Os que têm acento na última têm o *pe* inteiro, sem mudança alguma, como *kó, kópe* na roça; *itá, itápe* na pedra. Recorra-se em todos estes à regra de *m, n,* til, como acima.

Pe também significa *a, para,* como em português a, para João; assim *a-i-meéng xe rúbape* dei-o a meu pai. Também significa *por, em busca,* como *a-só xe rúba-pe* vou por meu pai, em busca de meu pai. E nestas duas significações nenhuma mudança faz das sobreditas, mas sempre fica inteira.

Preposição bo (de lugar)

Bo é o mesmo que *pe*, mas nunca se muda o *b* em outra letra. Também é sempre plural, como *kóbo* nas roças (p.42v).

Nos verbais em *ába* indiferentemente se diz em ambos os números, como *xe tekokuapába* meu entender, *xe tekokuapábo* em meu entender. *Ára* superfície, melhor se diz *áribo* do que *áripe* em cima, ainda que seja singular: *itá áribo* em cima da pedra. *Kupé* costas, isto é, de trás, diz *xe kupépe* e *xe kupébo*, mas *xe kupépe* é como num só lugar, nas minhas costas; e *xe kupébo* em diversas partes, como quando me infamam em diversos lugares *xe kupébo xe mombeúu.*

Ára dia, *áribo* no dia, de dia, todo o dia; e não *áripe. Putúna* noite, *putúnime* de noite, uma vez; no mais *putúnibo* toda a noite, pelas noites; e assim são plurais. *Guýra* parte inferior, *xe pó guýripe* debaixo de minha mão, como debaixo de uma parte dela somente; *xe pó guýribo* debaixo de minha mão, em muitas partes dela, ou, em meu poder. E assim *bo* sempre é plural: *pytéripe* no centro, *pytéribo* nas partes centrais etc.

Nos nomes faz-se a mudança que se faz com *pe*, como *óka, ókybo* em casas; *okáia, okáibo* nos cercados.

Bo de lugar significa a maneira de sítio ou de movimento do corpo; então há de ter *o* no princípio do nome, e serve a todas as pessoas (p.43), ainda que *o* é somente terceira, como foi dito de *ojo* recíproco, como *pukú* longo, *opukú tába reni* a aldeia ou vila está assentada ao comprido; *opukúbo tába amoín* eu assento a vila ao comprido.

Aguatá opóbo eu ando com as mão (de gatinhas)- *Ajúra* pescoço, *oajúribo* pelo pescoço, como *a-i-mondéb oajúribo* meto-o pelo pescoço, *xe mondéb oajúribo* mete-me pelo pescoço...

Preposição supé

Esta significa *a* de objeto indireto, *para* e *por*, como *a-i-meéng Pedro supé* eu o dei a Pedro; *a-rekó Pedro supé* tenho-o para Pedro; *a-só Pedro supé* eu vou por Pedro, em busca de Pedro, isto é, para trazê-lo.

Preposição suí

Esta significa *de, fora, além de, sem, entre* comparativo, como *a-sém tába suí* eu saio da aldeia ou fora da aldeia; *a-mbaé-ú-nde suí* eu como coisas sem ti, sem tua companhia.

Para comparativo geralmente lhe põem *eté* que quer dizer fino, verdadeiro, natural, como *xe katú eté nde suí* eu sou bom alem de ti, mais que tu. E estes são os comparativos desta lingua: *a-i-kuáb eté nde suí* eu sei mais que tu.

Junto com infinitivo significa: porque não, para que não, como *xe jukâ suí* porque, para que não me matem (p.43v)

Não se usa dele, onde se significa matéria, como: faço isto de pau, de pedra; não se diz *ybyrá suí, itá suí*, mas supre isto a preposição *ramo*, como *a-i-moñáng itá pindáramo* faço ferro como anzol, isto é, que seja anzol, isto é, faço anzol de ferro.

Preposição sosé

Esta significa lugar e excesso, como *itá sosé* sobre a pedra, ou, mais que pedra; *xe sosé* acima de mim, mais do que eu. E assim serve de comparativo.

Preposição supí

Esta significa *por* de lugar, como *ybý rupí* por terra. Também significa *conforme*, como *xe rúba supí* conforme a meu pai, caminhando como meu pai em costumes, fatos etc.

Ára rupí conforme o dia, isto é, o dia nos ensinará; ou, pelos dias, cada dia.

Sentido de *com: a-ikó kuñã rupí* eu caso com tal mulher. Entre os carijós também quer dizer *com* de companhia: *a-só nde rupí* eu vou contigo.

Acrescentando-lhe ***bé*** quer dizer: logo em continente: *xe rúra rupíbé* logo por minha vinda, isto é, logo em eu vindo.

Preposição porupí, posé, mosé

Porupí ao longo de: requer complemento de pessoa, por causa do *poro*, como *e-ké xe porupí* dorme tu ao longo de mim; *e-jo-tĩ nde kesába xe porupí* faze tua cama ao longo de mim (p.44).

Posé, mosé, que significa *com*, também sempre quer complemento de pessoa, por exemplo, dos que jazem numa mesma casa, como *osý posé pitánga rúi* com sua mãe jaz a criança.

Preposição pabẽ, ndí

Para estas duas o verbo há de ser plural; significam *com* de companhia; assim *oro-só Pedro pabẽ, Pedro ndí* nós vamos com Pedro.

Para usar do verbo no singular, usa-se deste nome *irũ* que significa companheiro com a preposição *ramo*, como *a-só Pedro irũnamo* eu vou como companheiro de Pedro.

Preposição (s) esé, rí

Destas se usa conforme as significações dos verbos com que se ajuntam, como *a-só s-esé* eu vou por ele, isto é por amor dele, para trazê-lo; *a-Tupã-mongetá nde resé* rogo a Deus por ti; *a-jeruré nde resé* eu peço (a outrem) por ti; porque *ajeruré* é verbo neutro, como *ajeruré aóba resé Pedro supé* peço por roupa em favor de Pedro, para Pedro. *A-ikó s-esé* ando com ela (se diz honestíssimamente com relações); *a-ikó s-esé* tenho pendenças, trabalhos... com ele; *A-ikó tekó katú resé* ando pelo costume bom, isto é, sou bom, ou, trabalho por isso; e assim com este verbo *a-ikó* se aplica a tudo. *A-je-kók sesé* encosto-me a ele, com ele; *a-je-pýk sesé* eu vingo-me dele; *a-itýk ñeénga sesé* deito palavras nele, ou, contra ele etc. o uso ensinará (p.44v).

Também serve de *com* de companhia, mas o verbo há de ser plural, como *sesé orosó* vamos com ele; *asausúb Pedro taýra resé* eu amo a Pedro com seu filho, isto é, também a seu filho, ou *resébé*, que é melhor o verbo no singular, porque o mesmo é *rí* que *sesé*.

Não há preposição que signifique *vice*, em lugar de, mas usa-se deste nome *s-ekobiára*: quer dizer substituto, o que faz as vezes de, com a preposição *ramo*, como *asó nde rekobiáramo* eu vou como teu substituto, em teu lugar. Usa-se também deste nome *s-oipýra* que significa o que fica em ausência de outrem, como *aikó nde roipýramo* fico como teu substituto, em teu lugar.

Preposições eymebé, janondé, riré (roiré)

Estas três, quer lhe chamemos conjunções, que significam *antes que, depois que*, quer preposições *antes de, depois de*, pouco vai nisso, porque, como o infinitivo é propriamente o nome que significa a ação do verbo, dele se usa onde nós metemos no português *que*, como acima se disse. Assim: quero que morras, quero teu morrer, ou, tua morte; da mesma forma: antes que morras, depois que morreste, ou, de morreres, é o mesmo: antes ou depois de teu morrer *xe reõ eymebé* antes de meu morrer, *xe reõ janondé* antes de minha morte, ou, antes que eu morra etc. E mais claro fica o uso delas, chamando-lhes preposições, porque não têm mais que ir ao infinitivo (p.45).

Sua construção é pois juntar-se ao infinitivo somente; com os infinitivos que têm acento na última põem-se inteiras, como *só eymebé, só janondé* antes de ir. Os que têm acento na penúltima perdem a última vogal, como *s-ausúba* amar, *s-ausúb, eymebé, s-ausúb ianondé* antes de o amar.

Diferem estas duas preposições muito nisto, que *eymebé* quer dizer: antes de se fazer alguma coisa, quer se haja de fazer, quer não, como *xe só eymebé* antes de eu ir (quer vá quer não): *janondé*, havendo-se de fazer necessariamente, como *xe só janondé* antes de eu ir (havendo com efeito de ir).

Esta maneira de falar é muito usada e elegante em toda a matéria, significando não somente o efeito, como se disse, mas também a causa e efeito juntamente, como *xe angaturám, ybákype xe só janondé* fui bom, antes de ir ao céu, isto é, que minha bondade foi causa de ir com efeito, ao céu; *Pedro jangaipáb, oinupã janondé* Pedro foi mau, antes de o açoitarem.

T-enondé: na mesma significação se usa desta preposição, ao menos quanto ao efeito, mas esta junta-se com todos os nomes, como acima; assim *osó xe renondé* [1] ele foi antes de mim (havendo eu de ir ou indo já por caminho, como levava recado de minha ida (p.45v); daí vem o nome *s-enotára* que significa o mensageiro que vai dar novas diante ou alguma coisa que se aparelha para o que vai, como *Pedro xe renotára* Pedro meu mensageiro, que vai adiante, ou irmão mais velho que me precedeu na idade; *kauî xe renotára* vinho feito para meu recebimento. Não havendo de efetuar a ida, não usam desta preposição *tenondé*, mas do advérbio *rañé* que quer dizer *primeiro*, como *Pedro rañé osó* Pedro foi primeiro (quer depois outro fosse, quer não).

As preposições, quando se põem desligadas, sem complemento, servem de advérbios.

Riré, roiré: depois de, depois que. Esta põe-se inteira com os que têm acento na última, como *só riré* depois de ir; também se diz *soré, só roiré*.

Nos que têm acento na penúltima perde-se o primeiro *r* da preposição e a última letra do infinitivo, como *séma* ir, *sémiré* depois de ir; também se diz *sémi roiré*.

Nos acabados em *ia* perde-se a última letra do infinitivo e põe-se *ré* somente, como *káia* arder, *káiré* depois de arder.

---

1. Na penúltima linha o ligue-se com oç duas linhas acima: lapso tipográfico.

Nos acabados em *u* com acento na penúltima, acrescenta-se somente *ré*, como *xe éu* eu arroto, *xe éuré*, depois de eu arrotar.

Também *bé* de que se disse acima, que significa *logo em,*. com algumas preposições, se junta com gerúndios como preposição, nos gerúndios que têm acento na penúltima, *bé* somente, como *osóbobé* logo em ele indo; e com os que têm acento na última, *abé*, como *oú abé* logo em ele vindo (p.46). Este *abé* também se junta com o infinitivo que tem acento na última como preposição, assim *osó abé* logo em seu ir... E *bé* somente com os que têm acento na penúltima, porque já têm o *a* consigo, como *túrabé* logo à sua chegada. E isto por todas as pessoas e números, porque o infinitivo, como acima foi dito, é propriamente o verbal a significar a ação do verbo, e por este *abé* ser preposição serve para a regra do advérbio, como *xe só abé túri* logo no meu ir (na minha ida ...) ele veio.

Cap. XI: Verbo Ser [1] (p.46)

Os nomes conjugados como verbos incluem em si o verbo *ser* em duas significações, a saber, *ser* e *ter*. Para a significação de estar há verbos particulares e próprios: estar sentado, deitado, andando. Quanto à primeira significação *ser*, com substantivos e adjetivos se faz assim, por exemplo, com *katú* bom:

xe katú eu sou bom	*Nda xe katúi* eu não sou bom
nde katú tu és bom	*nda nde katúi* tu não és bom
i katú ele, eles são bons	*ndi katúi* ele,eles não são bons
oré katú (excl.) nós somos bons	*ndoré katúi* nós não somos bons (excl.)
jandé katú (incl.) nós somos bons	*ndiandé katúi* nós não somos bons (incl.)
pe katú vós sois bons	*nda pe katúi* vós não sois bons

Isso em todos os tempos (p. 46v).

Os advérbios também, como *emonã* assim é, *emonãne* assim será, *emonãnumé* não é assim; *aáni* não é, *aánixóne* não será, *aánumé* não deixa de ser, *aánixótemo mã* oxalá não seja.

Os adjetivos que têm acento na penúltima perdem a última vogal, feitos verbos, como *angaipába* mau, *xe angaipáb* eu sou mau, ruim.

---

1. Por erro de imprensa, saiu Cap. II em vez de Cap. XI.

Os substantivos diferem dos adjetivos, pois aqueles nenhuma letra perdem no afirmativo, e melhor é pôr os sujeitos à parte posterior, como *abaré* padre, *abaré ixé* padre sou eu; *abaré endé* padre és tu, *abaré Pedro* padre é Pedro...; e não se põe pronome relativo na terceira pessoa: *aóba* roupa, *aóba ixé* eu sou roupa. Se se prepuser o sujeito, há de haver alguma pequena pausa na prolação *ixé... aóba* eu sou roupa, para que não diga: minha roupa.

Diferem mais, pois não se negam com *i* no fim, mas com esta partícula *ruã*, a qual se há de pôr entre o sujeito e o nome, como *ndabaré ruã ixé* eu não sou padre, ou, *nda ixé ruã abaré*: *ndaóba ruã ixé* eu não sou roupa, *nda ixé ruã aóba*. Em todos os tempos em que há *ixoé*, se há de pôr logo *ixoé* depois de *ruã*, como no futuro *nd-ixé-ruã-ixoé-abaréne* eu não serei padre, no subjuntivo de desejo *nda-ixé-ruã-ixoétemo-abaré-mã* oxalá eu não seja padre; *nda-ixé-ruã-ixoé-mo* se eu não for, *nda-ixé-ruã-ixoé-meémo* se eu não tiver sido.

No imperativo e presente do subjuntivo sempre se nega com *umé*, como os mais verbos, como *nde abaré umé* não sejas padre, *ta xe abaré umé* não seja eu padre.

Os verbais em *ára*, como são também particípios adjetivos conjugam-se como adjetivos ou substantivos, como *kaguára* bebedor de vinho (p.47), *kaguára ixé* eu sou bebedor; *nda kaguáruã ixé* eu não sou bebedor; assim à maneira de substantivos; à maneira de adjetivos *xe kaguár, nda xe kaguári*. E assim alguns nomes que se parecem com eles, como *abaré* padre, *xe abaré* eu sou padre, *nda xe abaréi* eu não sou padre; *pajé* feiticeiro, *xe pajé* eu sou feiticeiro, *nda xe pajéi* eu não sou feiticeiro.

Quando se usa desta maneira também querem dizer *ter*, com se verá abaixo.

Os verbais feitos dos verbos que têm *poro*, para significarem *ser*, hão de ter *moro*, de qualquer destes dois modos que se conjuguem, como *moromboesára ixé* eu sou mestre, *nda xe moromboesára ruã ixé* eu não sou mestre (como substantivos); *xe moromboesár* eu sou mestre, *nda xe moromboesár-i* eu não sou mestre (como adjetivos).

Tendo *poro* sempre significam *ter* e conjugam-se como os adjetivos somente, como *xe poromboesár* tenho mestre que ensine a outros, *nda xe poromboesár-i* não tenho mestre... E o uso o ensinará, porque sempre há algumas exceções.

Ruã com os mais verbos

Desta negativa *ruã* se usa também com todos os verbos, posta sempre com o nome, ou um só ou muitos com outras partes que não aceitam apar-

tar-se do verbo na construção, nos tempos que não têm prefixos e incluem em si alguma maneira do verbo *ser* (p.47v), como *nda xe ruã asó* não sou eu o que vou, *nda Pedro ruã ajuká* não é Pedro o que eu mato, *nda xe rúba supé aimeéng* não foi a meu pai que o dei.

Da mesma maneira todas as orações ou membros de orações dos tempos que não têm prefixo hão de ficar atrás, como que fossem um só nome, assim *nda ixé sóreme ruã túri* não porque fui, ele veio, ou, não porque eu sou o que fui; *nda mbaé úpotá ruã ajúr* [2] não por querer comer algo eu venho.

E assim nos negativos, como *nda xesóeyme ruã* não porque eu não fui, *nda uíxóeyma ruã* não deixando eu de ir.

Em lugar de ruã se costuma pôr *péi* no fim do verbo, como *nda xe sópéi* não porque vou; e tira-se sempre a última consoante quando o pede a regra acima, como *nda xe rausúpéi* não porque me ama. Se tem *m*, *n*, ou til, quer no afirmativo, quer no negativo, já se sabe que há de mudar em *b*, conforme a regra, como *nda xe sémbéi* não porque eu saia; *nda xe rausúbeymbéi* não porque não me ama.

Segunda significação do verbo ser, que é ter, possuir (é meu filho, tenho filho)

Nesta significação se conjugam todos os nomes, tanto adjetivos como substantivos com seus sujeitos, como os verbos que não têm sujeitos, tirando sempre a última vogal aos que têm acento na penúltima, como *pindá* anzol, *xe pindá* tenho anzol, ou, *ixé xe pindá* ou *xe pindá ixé*; (p. 48) *nda xe pindái* não tenho anzol; *aóba* roupa, *xe aóba* tenho roupa, *nda xe aóbi* não tenho roupa; *xe kaguár* tenho bebedor de vinho, *nda xe kaguári* não tenho bebedor...

Dos verbais em *ába*, que também significam modo de se fazer alguma coisa, se usa nesta maneira de verbo, máxime no negativo e elegantemente, como *guába* modo de comer, *iguáb* o comer, no afirmativo; no negativo *ndiguábi* não tem isto modo para se acabar de comer; *papasába* conta, *ndipapasábi* não tem conto, por serem muitos; e o mesmo se pode fazer com alguns de *pyra* passivos, segundo a linguagem do verbo o permitir, com *iúpyra* comido, *ndiúpyri* não dá para se acabar de comer, por serem muitos.

---

2. *Ajuûr: erro de imprensa.*

Cap. XII: Verbos Neutros Feitos Ativos (p.48)

Os verbos neutros se fazem ativos pondo-lhes *mo* ou *ro* depois do prefixo, se o tiver, como *a-jebyr* eu torno, volto, *a-i-mo-jebyr*, *a-ro-jebyr* eu o faço voltar. Se não têm prefixo, põe-se-lhe, porque todos os ativos o têm, como *xe maraár* estou doente, *a-i-mo-maraár* eu o faço estar doente.

O mesmo se faz nos nomes, porque todos se conjugam para fazer o verbo *ser* e têm ambas as suas significações (p.48v) de *ser* e *ter*, como *aóba* roupa, *a-i-mo-aób* faço-o ser roupa ou ter roupa. Tira-se sempre a última vogal dos que têm acento na penúltima, como *a-i-mo-aób Pedro* eu faço Pedro ter roupa, ou, ser roupa; *abaré* padre, *a-i-mo-abaré* eu o faço ser padre, ou, ter padre; *angaipába* ruim, *a-i-mo-angaipáb* eu o faço ruim, ou, faço dele ruim, isto é, digo que é ruim; e assim em outros que aceitarem esta linguagem.

Nota de passagem que comumente os verbos que têm este *mo* são ativos e têm *i* depois do prefixo, ainda que em algumas terras pronunciam muitos sem ele.

Os compostos com *mo* e *ro* diferem nisto: nos compostos com *mo* não participa a pessoa agente do que faz, como *ajebyr* eu volto, *a-i-mo-jebyr* eu o faço voltar, não voltando eu. Nos de *ro*, sim, como *a-ro-jebyr* eu o faço voltar comigo, ou, voltando eu também; *a-ro-jebyr-aóba* volto a trazer ou levar a roupa comigo.

Para que esta composição com *ro* seja universal, entenda-se que o objeto direto tem alguma conexão com a pessoa agente, ainda que não faça o que ela faz, como sucede nas coisas inanimadas; assim *a-kér* eu durmo, *a-ro-kér xe raýra* eu faço dormir meu filho comigo; *a-ro-kér aóba* eu durmo com a roupa, embora ela não durma; *a-manó* eu morro (p.49), *a-ro-manó tekokatú* eu morro com a virtude, embora ela não morra; *a-býk tatá resé* eu me chego ao fogo (verbo neutro) *a-ro-býk tatá* (ativo) chego-me ao fogo e ele a mim, posto que se não bula. E por estes exemplos se entenderão os mais.

No é o mesmo que *ro* para os verbos de nasal, assim como para as mudanças do *mo* recorre a regra de *m*, *n*, til, como se viu acima (cf. p.3).

Este verbo *a-ytarõ* eu farto, com ser ativo, permite ainda *mo*, e diz o mesmo: *a-i-mo-ytarõ* eu o farto. Também *a-i-potár* eu o quero, ativo, ainda faz *a-i-mo-motar*, mas a pessoa agente fica paciente, como *aimomotár Pedro* Pedro me deseja, *xe momotár Tupã* eu desejo a Deus. Igualmente *a-sém* eu saio (neutro), *a-mo-sém* faço sair (ativo), *a-i-mo-mo-sém* eu o acosso correndo; também *a-puám* eu me levanto, *a-i-mo-puám* eu o levanto, e feito ativo com *se*, *a-se-no-puám* eu o ameaço, *a-se-no-puám Pedro ybyrá pupé* eu ameaço Pedro com um pau.

Estes seguintes compostos com *ro* mudam algumas letras: *asó* vou, *arasó* levo; *aikó* estou, *arekó* tenho; *ajúr* venho, *arúr* trago; *ajúb* estou deitado, *arúb* estou deitado com.

Partícula ukár

A partícula *ukár* tem a significação de *mo* nos ativos (p.49v), mas é fazer por outros, como *a-só* eu vou, *a-i-mo-ndó* eu o faço ir por mim mesmo, *a-i-mo-ndó-ukár* eu faço que outro o faça ir.

Usa-se com a preposição *supé* que significa *a, para*, assim *a-i-mo-ndó-ukár Pedro supé* eu faço que Pedro o faça sair. O uso o ensinará segundo a matéria tratada.

Os passivos também permitem *ukár*, bem como todos os que nascem de ativos, a saber recíprocos, indeterminados, compostos, assim *a-poro-nupã-ukár* eu faço açoitar pessoas, a *Tupã-mongetá-ukár* eu faço rogar a Deus.

Cap XIII: Verbos Ativos Feitos Neutros (p.49v)

Os verbos ativos se fazem neutros de maneira que depois se podem tornar a fazer ativos com *mo*, *ro* e depois tornar a fazer neutros e outra vez ativos, como *a-i-moñáng, a-je-mo-ñáng, a-i-mo-je-moñáng, a-i-je-mo-ñe-moñáng* etc. quanto o uso do falar o aceitar.

Fazem-se de três maneiras: a 1ª. com *je, jo* incorporados, como acima, reflexivo e recíproco. A 2ª., incorporando *poro* e ficam indeterminados, pertencentes a homens somente, de modo que *poro* fique por objeto direto de pessoa, *a-i-moñáng* eu faço, *a-poro-moñáng* eu faço homens, isto é, eu gero homens.

Às vezes se colide o final com a vogal seguinte, como *poroerobiár, porerobiár* crer em homens.

Este verbo *a-i-abyky* apalpar, tocar, (p 50) se sói aplicar a qualquer coisa, ainda que não seja humana; *a-por-abyky* indeterminadamente, ainda que também este parece ter algum respeito a homens, máxime quando significa "empregar".

Também se pode usar dalguns em dada matéria conforme o caso, como dizendo dos brutos *poro- moñánga* gerar. Das aves de rapina *po-ropysyka* tomar a presa, mas isso rarissimamente.

Poro, se não têm atrás prefixo ou outra parte, diz-se *moro* ou *mboro*, como pede a regra acima. Também com verbos neutros se põe *moro*

indeterminado e sempre se aplica a homens, e somente se usa nos tempos que não têm prefixo. E assim o comum é usar-se sempre do *moro* nestes verbos neutros e nomes, sem lhes porem sujeito nenhum, como *ting* ser branco, *moroting* ser branca a gente; e não *xe moroting*, nem *i-moroting*, porque então se usa do simples *xe ting* eu sou branco; *moro-jub* jazer pessoas, *i-júb*, *xe júb* ele jaz, eu jazo: determinado.

Nos verbos feitos indeterminados de ativos que eram, se põem sujeitos em todas pessoas, como *a-poro-rekó ou xe porerekó*, eu tenho gente, gente me tem, porque muitos destes não têm prefixo, como acima é dito, e então hão de de ter *poro*, como *xe porerobiar* gente confia em mim. E ficando indeterminados sem sujeito têm *moro* somente.

3ª. maneira: quando o objeto direto não é somente tocante a coisas humanas, mete-se qualquer nome e ficam também indeterminados, como *a-ú* eu como, *a-mbaé-ú* como coisas, alguma coisa; *a-pirá-ú* eu como peixe; *a-i-kutúk* eu o furo, *a-nambi-kutúk* eu eu furo orelhas; *a-t-esá-kutúk* eu furo olhos de gente; *a-mbo-kutúk* eu furo mãos de gente (p.50v).

Estes da 3ª. maneira, para serem ativos, hão de lhe exprimir o relativo *s* ou *i* que os nomes tiverem, como *i-pó* mão dele, *a-i-pó-kutúk* eu lhe furo a mão, *a-i-pó-kutúk Pedro* eu furo a mão a Pedro. É ativo: tanto monta como dizer:*a-i-kutúk i-pó* eu furo a mão dele, *s-esá* o olho dele, ou *a-s-esá-kutúk* eu furo o olho dele.

Em alguns verbos pode servir o *t* por relativo e ficam indeterminados; são aqueles de que se segue algum proveito à pessoa paciente, como *a-i-meéng, t-ayra* filho, *a-t-ay'-meéng Pedro* eu dou filho a Pedro, como se dissesse, eu faço que Pedro tenha filho, dando-lhe alguém por filho, como fazem os irmãos aos irmãos.

Nestes mesmos, se há de vir dano à pessoa paciente, põe-se *i* por relativo, como *a-i-t-aý'-meéng Pedro*, ativo: eu dou o filho de Pedro a outrem. E assim se há de pôr *i* relativo nos mesmos de *t*, onde vem dano, como *a-i-t-ybý'-nupã* eu açoitei-lhe o irmão. E assim nos mais.

O mesmo se faz com o relativo, isto é, nestes verbos de proveito, repetindo-o, quando se convertem em dano, como *aóba* roupa *i-aóba roupa* dele *a-i-aó'-meéng Pedro* eu lhe dou roupa a Pedro, *a-j-i-aó'-meéng Pedro* eu dou roupa de Pedro a outrem; *kó* roça, *i-kó* roça dele, *a-i-kó-meéng Pedro* eu dou a roça dele a Pedro,*a-j-i-kó-meéng Pedro* eu dou a roça de Pedro a outrem.

Quando estes nomes incorporados têm acento na última, ficam-se sempre inteiros, como *a-mbaé-ú* eu como coisas. Se têm acento na penúltima e encontram com vogal perdem a última vogal, como *a-jo-*

ók eu tiro, *píra*, pele (p.51) *a-i-pír-ók* eu lhe tiro a pele. Se encontram com consoante, perde toda a última sílaba, como *a-i-mondók* eu o corto, *a-i-pí'-mondók* eu lhe corto a pele.

Verbos neutros

Se se quiser usar deste modo de compor nos neutros que têm prefixo, como *a-kañém* eu me perco, omite-se o prefixo, incorporando *mbaé* coisa:*xe mbaé kañém, nde mbaé kañém, i- kañém* perdem-se minhas coisas, tuas, dele; *o-syrúk* corre, *s-uguý* sangue, *xe ruguý syrýk, nde ruguý syrýk, suguý syrýk* meu, teu, seu sangue corre. E assim ficam com a conjugação dos verbos que não têm prefixo, com todas as suas mudanças. Nos verbos que não têm prefixo por sua natureza isto ainda é mais usado.

Nos verbos ativos interminados com *mbaé*, coisa, ou *poro* gente, e noutros neutros que têm prefixo, se costuma muitas vezes perder o prefixo com esta diferença que com o prefixo significam *ato* e sem ele *potência* ou *ciência* ou *inclinação* e *costume*, como *a-mbaé-kuáb* eu sei alguma coisa por ato, *xe mbaé-kuáb* eu sou algo entendido; *a-mbaé-potár* eu quero algo por ato, *xe mbaé-potár* eu sou voluntarioso; *a-mbaé-moasý* eu dôo-me de alguma coisa por ato, *xe mbaé-moasý* eu sou dolorido; *a-ñeéng* eu falo, *xe-mbaé-ñeéng* eu sei ou posso falar; *a-ytáb* eu nado, (p.51v) *xe ytáb* eu sei nadar; *a-poro-nupã* eu castigo gente, *xe poro-nupã* eu costumo castigar gente.

Também esta partícula *já* na terminação ou *jabý* significa este costume de fazer alguma coisa muitas vezes, tanto nestes verbos que não têm prefixo, como nos neutros com prefixo, como *asó-já* ou *jabý* eu costumo ir muitas vezes; *xe poro-nupã-já* ou *jabý* eu costumo açoitar gente muitas vezes; *a-kañém-já* eu costumo fugir amiúde.

Verbos terminados em suér

Dos verbos indeterminados e dos mais neutros se fazem outros que têm no fim *suér* que significa muita inclinação a uma coisa, como *a-ñeéng* eu falo, *xe-ñeéng-i-xuér* eu sou falador, tenho inclinação a falar.

Os acabados em consoante ou *i* com acento na penúltima fazem *ixuér*, porque depois de *i* sempre se segue *x* e não *s* e por causa do encontro de consoantes, como *a-ñaéng, xe ñeéng-i-xuér; a-poro-pói* eu alimento gente, *xe poro-pói-xuér* eu sou alimentador de gente.

Os acabados em vogal com acento na última fazem *suer*, como *a-jeruré* eu peço, *xe jeruré-suér* sou pedinte.

Os que têm *m*, *n*, til na última comumente fazem *nduér*, porque *s* se muda em *nd*, conforme a regra acima dita, como *xe ñe-moyrõnduér* eu

sou agastado e o sobre o *suér* se pode pôr *já* ou *jabý*, como *xe jemoyrõnduér-já* ou *jabý* eu sou inclinado agastar amiúde.

Cap. XIV: Composição dos Verbos (p.52)

Os verbos, além das maneiras de composição sobreditas, se compõem com algumas partes da oração, e na conjugação não se faz caso senão da última terminação, assim:

Com advérbios:*a-i-kuáb* eu o sei, *katú* bem ou *eté, a-i-kuá-katú, a-i-kuáb-eté* eu o sei bem.

Com outros verbos: *a-só* eu vou, *a-i-potár* eu o quero, *a-só-potár* eu quero ir; *a-rasó* eu levo, *a-i-pousúb* eu o receio, *a-rasó-pousúb* eu receio de o levar.

Da mesma maneira nos que não têm prefixo, como *xe maraár* eu estou doente, *katú, eté* bem, muito, *xe maraákatú, xe maraáreté* eu estou muito doente; *xe r-orýb* eu me alegro, *a-i-potár* eu o quero, *xe rorýpotár* eu quero alegrar-me; e assim por diante, que é como incorporar o nome, servindo um dos verbos por nome incorporado; assim *a-só-jebýr* eu torno a ir, *a-s-ausú-poír* eu deixo de o amar, *a-i-añé-mím* eu escondo estar apressado.

Os verbais em *ára*, ába, compostos com outros nomes guardam a regra da composição dos que têm o acento na penúltima, mas têm diferente significação da que tem o advérbio (quando igual ao nome) ajuntado ao verbo simples, como *a-rekó-katú* eu tenho bem. Colocado depois do verbal *ára*, o advérbio *katú* torna-se nome, homem bom, dando outro sentido ao vocábulo, como *mor-abúk-ára* trabalhador, *mor-abúk-á-katú* trabalhador que é bom homem, (p.52v) *mor-abúk-ár-uéra* trabalhador que foi bom homem, *mor-abúk-ár-ám-gatú* trabalhador que será bom homem; *mor-abúk-ár-ám-buéra* trabalhador que havia de ser bom homem. O mesmo é em *mor-abúka-sába* (diferente *katú-sába* e *sá-katú)*.

O mesmo se dá com *pýra*: *i-nupã-gatú-pýra* o que é bem castigado,*i-nupã-pý-Katú* o castigado que é bom, *i-nupã-pý-katú-puéra* ou *i-nupã-pýr-ué-katú* o castigado que era bom, *i-nupã-pý-katú-ráma* ou *i-nupã-pýr-ám-gatu* o castigado que será bom, *i-nupã-pý-katú-rám-buéra ou i-nupã-pýr-ám-bué-katú* o castigado que havia de ser bom.

Nos de *mi* se faz no passado e futuro assim: *xe remí-mboé puéra* aquele a quem ensinei, *xe-remí-boé-pué-katú* o bom homem a quem ensinei, *xe remí-mboé-rám-gatú* o bom homem a quem ensinarei, *xe remí-mboé-rám-bué-katú* o bom homem a quem eu havia de ensinar.

Nos nomes, que nunca se fazem advérbios, também se guarda no presente a mesma significação: *angaibára* magro, *xe remí-póí angaibára* o magro que convido a comer; *membéka* fraco, *xe remí póí membéka* o fraco que convido a comer. Porque estes e outros semelhantes não se fazem advérbios (magramente, fracamente). O uso ensinará.

Cap. XV: Reduplicação dos Verbos (p.52v)

Os verbos e outros vocábulos se fazem freqüentativos de duas maneiras:

Uma é significando fazer-se ou ser a coisa mais de uma vez, como *a-rasó* eu levo, *a-rasó rasó* eu levo, levo, isto é, eu levo mais vezes. Sempre se repetem as duas sílabas finais, e por isso, se o verbo é dissílabo (contando o prefixo ou pronome, quer sujeito, quer objeto direto), repete-se também o prefixo ou pronome, como *asó* eu vou, *asó-asó* eu vou e vou, vou muitas vezes; *xe pó* minha mão, *xe pó-xe pó* minhas mãos duas ou várias vezes; *xe póí xe póí* dão-me de comer várias vezes (pronome objeto direto) (p.53).

Na segunda pessoa do singular e nas primeiras do plural, porque é já trissílabo, repetem-se duas e não mais , como *ere-só-resó, oro-só-rosó* tu vais e vais, nós vamos e vamos.

Estas duas últimas, que se repetem sempre no indicativo, se repetem também sempre que há aumento do verbo, como *asó-asó-ne* eu irei e irei, *xe só- xe só-reme* se eu for e for; *oré só- resó-reme* se nós formos e formos...

Nos gerúndios que se pronunciam contratos, como *iábo, uábo*, dá-se o mesmo; assim *apitíá-pitiábo* eu matando, matando; *mombéu* narrar, *mombeguá-beguábo* narrando, narrando...

Nos acabados em vogal com acento na penúltima ou em consoante, não se repete a última letra, como *a-kái* eu ardo, *aká-kái*; *a-jo-póí* eu o alimento, *ajopó-póí*; *a-páb* eu me acabo, *apá-páb, a-s-ausúb* eu o amo, *asausú-sausúb* (p.53v).

A segunda maneira é quando se significa fazer uma coisa sucessivamente ou por muitas partes, e então repete-se a última somente, em todos os verbos neutros e nos outros vocábulos. O sentido de sucessão ou divisão por diversas partes, como supõe pessoas diversas ou por diversas partes, se faz somente nas pessoas do plural; assim *a-sém* eu saio, *asé-asém* eu saio muitas vezes; *oro-se-sém* nós saímos sucessivamente ou por muitas partes; *osó-osók* ele se quebra muitas vezes, *osó-sók* ele se quebra sucessivamente ou por muitas partes, tornam-se muitos quebrados.

Nos transitivos usa-se no singular e no plural, tanto de um modo como doutro, como *a-i-mokõ* eu o engulo, *a-i-mokõ-mokõ* eu o engulo muitas vezes, *a-i-mokõ-kõ* eu engulo sucessivamente muitas coisas.

Quando os verbos neutros começados por *s* se fazem ativos transitivos com *mo*, como foi dito acima, hão de mudá-lo en *nd*; na reduplicação mudam somente o 1°. elemento, voltando o 2°. à forma primitiva do *s*, como *o-sýk* eles chegam, *o-sý-sýk* eles chegam sucessivamente (é a forma do verbo simples); reduplicado com *mo* faz *a-i-mo-ndy-syk*[1] eu os faço chegar sucessivamente.

Cap. XVI: Alguns Verbos Irregulares (p. 54v-57v)

Verbo É dizer: é irregular em alguns tempos:

Indicativo presente

a-é eu digo (p.55)	*nd-a-é-i* eu não digo
er-é tu dizes	*nd-er-é-i* tu não dizes
e-í ele, eles dizem	*nd-e-í* ele, eles não dizem
oro-é nós dizemos (excl.)	*nd-oro-é-i* nós não dizemos (excl.)
ja-é nós dizemos (incl.)	*nd-ia-é-i* nós não dizemos (incl.)
pe-j-é vós dizeis	*nda-pe-j-é-i* vós não dizeis.

Imperativo

er-é dize tu	*er-é-umé* não digas
pe-j-é dizei vós	*pe-j-é-umé* não digas

Gerúndio

(g)uí-jábo dizendo eu	*(g) uí-eýma* não dizendo eu
e-jábo dizendo tu	*eé-eýma* não dizendo tu
o-jábo dizendo ele, eles	*oé-eýma* não dizendo ele, eles
oro-jábo dizendo nós (excl.)	*oro-é-eýma* não dizendo nós (excl.)
ja-jábo dizendo nós (incl.)	*ja-é-eýma* não dizendo nós (incl.)
pe-jábo dizendo vós	*pe-j-é-eýma* não dizendo vós.

Verbais em ára, ába *(p.55v)*

i-ára o que diz (agente)	*é-sába* a dicção, lugar, tempo, modo de dizer

1. *Aimondocîe*: erro de imprensa; *mondóka* é outro verbo formado de *sóka*, quebrar-se; *mondýka* é formado de *sýka* chegar.

i-ába o dito (passivo): serve por *pýra* e *mi*

Embora *é* se conjugue como neutro, sem pronome objetivo da 3ª. pessoa, exige sempre objeto direto antes do sujeito, pelo menos *aipó*, que quer dizer *isto* ou *assim*, *aipó aé* disse isto ou assim, disse-o... E sempre há de ir antes do verbo, se se usar desse pronome, em todos os tempos, como *aipó eré* dizes isto ou dize isto, *aipó t-aé* diga eu isto, *aipó ojábo* dizendo ele, eles isto.

A construção deste verbo *aé* é pôr-se sempre no fim das outras orações e de cada uma delas de sentido completo, e refere-se a coisa assim como foi pronunciada; em vez de dizer "digo que vou" se diz "eu vou, eu digo" *asó, aé; asóne, eí* eu irei, diz ele; diz o padre que vás *tosó, eí padre endébe* vá ele, diz o padre a ti. E assim em todos os mais.

O gerúndio, além de sua significação que é *dizendo* significa elegantemente a intenção, e é muito usado, quando para dizer "sou bom para ir ao céu" diz *aikó katú tasóne ybákype, ojábo* sou bom, vá eu ao céu, assim pretende.

Negando-se com *nda* no princípio e *ruã* no fim, além de significar não ter tal intenção significa também que não se há de efetuar o de que se trata, como *aiúr taxepói nda uijábo ruã* venho, não dizendo eu que me dêem de comer (dando a entender que lho não hão de dar; *Ojeposanángukár tapoérane ndojábo ruã* ele procura curar-se, dizendo que sarará (mas não há de ser) (p.56).

Outra construção de *é* consiste em juntar-se ao gerúndio como simples auxiliar, sem mudança de sentido, sempre se prepondo ao gerúndio, como *a-s-epiák* eu o vejo, *aé sepiáka* vendo-o eu; *t-osó* vá ele, *t-eí-sóbo* indo ele.

Seus compostos numerosos, com diversas significações, exigem depois de si o gerúndio, como *ékatu* poder, saber, *aékatú sepiáka* eu posso, sei vê-lo; *erékatú...*, *eíkatú* ou *oékatú* (menos usado)...

Ndaéteé, ndereteé, ndeíteé... e ainda por isso, eu, tu ele..., *ndaéteé sausúpa* e ainda por isso eu o amo.

No negativo: *ndaéi rañé* ainda não; sempre se usa o *rañé* depois do gerúndio: *ndaéi sausúpa rañé* e ainda não o amo. Pode usar-se *ndaéi* ainda não, subentendendo todo o mais.

Aé teñé sausúpa eu o amo em vão; é o mesmo que *asausú'teñé.*

No negativo: *aé teñé sausúpa* não o ame eu debalde. Mas nesta significação não se usam as segundas pessoas do imperativo senão no próprio sentido de *dizer: eré teñé umé* não digas debalde; *pejé teñé umé* não digais debalde.

Em seu lugar parece que sucedem as duas mais usadas: *éteumé, péteumé* que significam guardai-vos não...,como *éteumé esóbo* guarda-te não vás, ou simplesmente, não vás, que equivale ao imperativo *ekuá umé* (imperativo irregular de só)[2].

Estas duas *eneî, peneî*[3] ou *péî* também parecem imperativos de *é* (p.56v), como *eneî esóbo, peneî esóbo* sus! vai, ide, que equivalem aos imperativos irregulares *ekuá, ekuái, pekuái* de *só*, ir. Também se juntam com o presente do subjuntivo, imperativo e permissivo, *eneî teresó* sus! vai; *eneî tasóne* sus! vá eu; *neî tosó* sus! vá ele...

Falando com a 2ª. pessoa tem-se respeito a se conceder o que se trata. Também se diz *neî, peî*, abreviado, subentendendo o verbo *é*.

T-eí-ñé também é 3ª. pessoa e permissivo: *teiñé osó* deixe que ele vá, mas com o gerúndio tem esta diferença de supor que já se foi ou está indo: *teiñé osóbo* que tenhai ido ou esteja já indo; enquanto *teiñé osó* que se vá, supõe que ainda não foi.

Aé umanîmbaé moñánga equivale a *a-i-moñáng umanî* eu o faço devagar; de maneira que, sendo ambos afirmativos, significam deter-se muito em fazer alguma coisa, como *aé umanî mbaé guábo* detendo-me muito em comer. Sendo qualquer deles negativo, significa não acabado de começar, e põe-se *rañé* ou *eýma* no fim: *ndaé umanî mbaé guábo rañé* ou *eýma* ainda não acabo de começar a comer.

Finalmente, a qualquer partícula que se ponha no fim do verbo *aé* sempre segue o gerúndio como, *aé-ñe, aé-umã uixóbo* vou já, é o mesmo que *asó umã*. (p.57)

Tén-aé, estou fixo: *tén* no princípio não faz mudança e *é* se conjuga com o sentido de *ser* ou *estar*, como *tén-eí* ele está fixo (como um prego)...

Também se faz ativo: *tén amoé* eu faço firme, *tén i mojábo* fazendo-o firme; faz-se também transitivo com *mo, ro*, como *a-i-mo-tén* eu o faço firme, *a-ro-tén* eu o faço firme com...

Týk ser muitos: *týk-oro-é* somos muitos, *tyk-eí* eles são muitos, *tyk-eí-ñé* eles são muitos.

Em lugar de *týk* pode usar-se *s-etá*, e elegantemente no futuro do subjuntivo *reme*, com a 1ª. pessoa do plural *ja* doutro verbo, como *setá oekáreme* há muitos se os buscarem; elegantemente, com o mesmo sentido *setá ja-s-ekáreme*.

---

2. *Eçoâumé:* erro de imprensa.
3. Estas duas *seneî, peneî:* erro de imprensa

Outras particulas várias da mesma origem do verbo *é* todas pedem gerúndio, como *memé, memeté, memeténe*, quanto mais.

Aujé, rumbý então, ou, depois disto.

Ijá, indébe ainda bem que: *ijá o-i-emboé-mo* ainda bem porque o ensinaram.

Emonã, emonãnamo assim, desta maneira.

Aéibé logo naquele ponto.

Té eis que: *té o-sýk-a* eis que chegou.

E com elas usar as regras do subjuntivo, que se lhe hão de pôr logo com o *mo*, ou *témo* ou *mã*; Exemplos: *memétemo-n'-ixé uixóbo* quanto mais eu houvera de ir; *aeibé-mo osóbo* logo então eu iria, pudera ir; *témo-ne aéreme o-syk-a-mo, té-raú-mo o-ú* eis se chegara, pudera chegar, e fôra a propósito!; *té-temo oú mã* oh! se chegasse, se acertasse de chegar! (p.57v).

Emonã, aeibé, aujé também servem para a regra do advérbio (*i* e *u* das subordinadas).

Raé é somente da terceira pessoa e significa *diz que, dizem que.* Usa-se dela pondo-a no fim da oração sem mudança da partícula, como *asó raé* dizem que vou...; *ekuãi raé* diz que vás; *teresó raé* diz que vás; *osómo raémo* diz que iria.

Às vezes se usa de *raé*, como maravilhando-se ou caindo na conta, e então, ainda que tenha *ne* não é futuro, e por isso *ne* se não põe no fim, como *asó serã-ne raé* enfim dizem que fui?

Outros verbos irregulares [4]

Ar tomar:

Indicativo: a-i-ár, ere-i-ár, oguár; ja-i-ár, oro-gu-ár, pe-i-ár, xe r-ár ele me toma, eles... tu me tomas, vós...; *nde r-ár* ele, eles te tomam; *oro-gu-ár* eu te tomo, nós te...; *opo-gu-ár* eu vos tomo, nós vos...

Infinitivo: xe r-ár-a, nde r-ár-a, o ár-a ...

Classe superior e inferior: *t-ár-a.*

Conjugação subordinada: xe r-ár-i, nde r-ár-i, t-ár-i...

Gerúndio: xe r-á, nde r-á, t-á; jandé r-á, oré r-á, pe r-á;

---

4. Em vez da nota final, pomos os verbos mais completos (cf. Lemos Barbosa Curso de Tupi Antigo).

Classe superior e inferior: *t-á.*

Particípios: o-gu-ár-bae, t-á-sára; t-á-sába; t-ár-(i)-pýra; t-e-mbi-ára ou t-e-mi-i-ára.

nota: *gu* não é objeto direto, mas ligação eufônica entre o átono e vogal seguinte (p.58v).

Iké entrar:

Infinitivo: xe r-e-iké, nde r-e-iké, s-e-iké, o e-iké...

Classe super. t. infer.: s.

Conj. subord.: xe r-e-iké-u...

Gerúndio: (g) uí-t-e-iké-bo ou *guí-iké-bo* ou *guí-iké-abó, e-iké-bo* ou *e-iké-ábo...*

Particípios: o-iké-bae; t-e-iké-sára ou *t-e-iké-ára; t-e-iké-sába* ou *t-e-iké-ába.*

Compostos: mo-ingé, ro-iké (p.58).

Ikó estar:

Infinitivo: xe r-ekó, nde r-ekó...

Conj. subord.: xe r-ekó-u ...

Gerúndio: gui-t-ekó-bo, e-ikó-bo...

Particípios: o-ikó-bae; t-ekó-ára; t-ekó-ába.

Compostos: ikó-bé viver, *ikó-tebe̊* estar aflito;*rekó (ro-ikó)* estar com, ter, tratar; *mo-ingó* pôr.

In estar sentado, quieto:

Infin.: xe r-én-a, nde r-én-a...

Classe super.: t-; Infer.: s-.

Conj. subord.: xe r-én-i, nde r-én-i...

Gerúndio: gui-t-én-a, e-ín-a...

Particípios: o-ín-bae; t-én-dára; t-én-dába.

Compostos: in-ĩ estar sentado, quieto; *in-dé* estar à parte; *in-bé* haver na 3ª. pessoa, *mo-ĩna* no particípio *(te-) mi-mõ-i-a.*

Itýk atirar, derrubar, vencer:

Indic.: a-itýk, ere-itýk, o-itýk... xe-r-itýk tu me atiras *oro-itýk* eu te atiro... *a-je-itýk* eu me atiro; *a-itá-itýk* atiro pedra.

Infin.: xe-r-e-itýka nde r-e-itýka...

Classe superior: t-e-itýk-a, infer.: s-e-itýk-a.

Conj. subord.: e r-e-týk-i, nde r-e-itýk-i...

Gerúndio: como no infin.

Particípios: o-týk-bae; t-e-itýk-ára; t-e-itýk-ába; t-e-itýk-pyra; t-e-mi-e-itýk-a (p.58v).

Jub estar deitado:

Indic.: a-júb, ere-júb, o-úb; ja-júb...

Imperat.: e-júb, pejúb.

Infin.: xe r-úb-a, nde r-úb-a, t-úb-a, og-úb-a ou *g-úb-a...*

Classe super. e infer.: t-úb-a.

Conj. subordin.: xe r-úb-i ou r-ú-i...

Gerúndio: gui-t-úp-a, e-iúp-a, o-úp-a...

Particípios: o-ú-bae; t-up-ára (raro); *t-up-ába.*

Compostos: mo-úb, ro-úb ou r-úb; jubã deitar-se quieto; *ju-bé* estar vivo, acordado sem se mexer...

Jur vir:

Indic.: a-júr, ere-júr, o-júr...

Imperat.: e-jór, e-jor-í, jor-í; pe-jór, pe-jori.

Infin.: xe r-úr-a, nde r-úr-a, t-úr-a (também reflex.)...

Classe super. e infer.: t-úr-a.

Conj. subordin.: xe r-úr-i, nde r-rúr-i, t-úr-i...

Gerúndio.: gui-t-ú, e-jú, o-ú...

Particípio.: o-úr-bae, t-ú-sára; t-ú-sába (t-ú-ág-uáma ou *t-ú-ág-uáma* fut.; *t-ú-ság-uéra* ou *t-ú-ág-uéra).*

Compostos.: r-rúr (ro-úr) vir com, trazer (imperat. *e-r-úr* ou *e-r-ur-í; pe-r-úr* ou *pe-r-ur-í).*

Manó morrer:

Indic. Imperat., Gerúndio: regulares.

Infin.: xe r-eõ, nde r-eõ, s-eõ, o-eõ.

Classe super.: .t-eõ; infer.: s-eõ.

Conjug. subord.: xe r-eõ-u, nde r-eõ-u...

Partícipios: omanó-bae; t-eõ-sába ou t-egu-áma.

Infin.incorporado ao gerúndio *e-manó-potá.*

Potí defecar:

Indic.: regular, mas na 3ª. pessoa *o-potí* ou *o-gue-potí.*

Infin.: xe r-e-potí, nde r-e-potí...

Classe super.: t-e-potí; infer.: s.e-poti.

Conj. subord. xe r-e-potí-u, nde r-e-potí-u...

Gerúndio: gui-potí-á-bo, e-poti-á-bo...

Partícipios: o-potí-bae; poti-ára (s-e-potí-ára); poti-ába (s-e-poti-ába) classe infer.

Pynõ emitir ventosidade:

Indic.: regular, mas na 3ª. pessoa *o-pynõ ou o-gue-pynõ.*

Infin.: xe r-e-pynõ,nde r-e-pynõ...

Classe super.: t-e-pynõ;

Infer.: s-e-pynõ.

Conj. subord.: xe r-e-pyño-u, nde r-e-pyño-u...

Gerúndio: gui-pynõ-mo, e-pynõ-mo, o-e-pynõ-mo...

Particípios: o-pynõ-bae; pynõsára (classe infer. s.e-pynõ-sára), pynõ-sába (s-e-pynõ-sába).

Só ir:

É irregular somente no *imperativo e-kuãi* e *ekuã*; *pe-kuãi* ou *pe-kuá*: vai, ide (p.58v).

Ú comer:

Sem pronome objetivo, quando leva prefixo agente.

Composto *ú-séi* querer comer admite pronome objetivo *a-i-ú-séi uí* quero comer farinha.